

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Centro Socioeconômico

Departamento de Ciências Econômicas

Caio Gaiarsa Simões Lasagno

**China e Estados Unidos:** aumento e estreitamento das relações comerciais e a possibilidade de competição hegemônica

Monografia submetida ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito obrigatório para obtenção do grau de bacharelado

**Orientador:** Prof. Helton Ricardo Ouriques

Florianópolis, 2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA - CNM 5420  
PROJETO DE MONOGRAFIA PARA EXECUÇÃO NO SEMESTRE 2015.1**

**China e Estados Unidos: aumento e estreitamento das relações comerciais e a  
possibilidade de competição hegemônica**

**Aluno (a): Caio Gaiarsa S. Lasagno      Assinatura:  
Matrícula: 10101629      Telefone e e-mail: 9652-4097 caio.lasagno@gmail.com  
Orientador: Helton Ricardo Ouriques      De acordo:**

Entrada na Secretaria do Departamento de Econômica

Em ...../...../.....

**Florianópolis, 2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 8,0 ao aluno CAIO GAIARSA SIMÕES LASAGNO na disciplina CNM 5420 – Monografia, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharelado em Ciências Econômicas.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Helton Ricardo Ouriques

---

Prof. Dr. Marcelo Arend

---

Prof. Dr. Wagner Leal Arienti

FLORIANÓPOLIS, 2015

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor Helton Ouriques pelas orientações e sugestões para que o trabalho ficasse pronto.

Agradeço aos professores de ciências econômicas da UFSC por propiciar momentos de reflexão e aprendizado durante o curso.

Quero agradecer especialmente aos meus familiares por demonstrarem apoio e compreensão em relação a minha escolha pelo curso de ciências econômicas. Um agradecimento especial a todos os amigos que pude desfrutar da companhia nesses últimos anos e a minha atual companheira pela contribuição substancial na formatação do trabalho e paciência durante a execução do mesmo.

*“Eu tô te explicando pra te confundir.  
Eu tô te confundindo pra te esclarecer”  
(Tom Zé)*

## **RESUMO**

O objetivo desse trabalho é traçar o crescimento e declínio da hegemonia estadunidense no mundo a partir da 2ª Guerra Mundial. Paralelamente a isso, utilizando praticamente o mesmo recorte temporal, é traçado um panorama rápido sobre a economia chinesa de Mao-Tsé Tung com ênfase nas reformas de Deng-Xiao Ping. Após essas revisões históricas é feita uma análise estatística sobre o comércio exterior sinoamericano visando embasar a discussão final sobre a China sendo uma concorrente a hegemonia norte americana na atualidade.

Palavras chaves: relações sinoamericana; comércio internacional; crescimento chinês; competição hegemônica

## **ABSTRACT**

This paper's goal is to trace the rise and fall of US hegemony in the world starting from the Second World War. Using the same period of analysis, a quick review from the Chinese economy in Mao's era emphasizing the economical reforms done by Deng-Xiao Ping. After these historic reviews, an statistical analysis was made about the foreign trade between USA and China aiming to build the bases for the final discussion about China being a competitor for the North American hegemony.

**Keywords:** China-USA relations; international trade; chinese economic growth; hegemonic competition

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exportações entre os países.....	33
Figura 2 – Balança comercial EUA-China entre 1985 e 2013 .....	34
Figura 3 – Produtos provenientes da China que representam menos de 1% da composição da pauta de importações com os Estados Unidos.....	35
Figura 4 – Produtos provenientes da China que representam entre 1 e 4% da composição da pauta de importações dos Estados Unidos.....	35
Figura 5 – Principais produtos na composição da pauta de importações dos Estados Unidos.	36
Figura 6 – Composição do item artigos manufaturados diversos.....	37
Figura 7 – Composição do item maquinário e equipamentos de transporte.....	38
Figura 8 – Decomposição da pauta de importações para produtos com representação menor que 10% do total para maquinário e equipamentos de transporte .....	38
Figura 9 - Decomposição da pauta de importações para produtos com representação menor que 20% do total artigos manufaturados diversos .....	39
Figura 10 – Decomposição da pauta de importações para produtos com representação maior que 10% para Maquinário e Equipamentos de Transporte.....	40
Figura 11 – Decomposição da pauta de importações para produtos com peso maior que 20% para artigos manufaturados diversos .....	41
Figura 12 – Composição do item Artigos diversos não especificados em outras seções .....	42
Figura 13 – Mudanças na complexidade econômica da China .....	43
Figura 14 – PIB chinês e total de exportações destinadas para os EUA em dólares correntes	44
Figura 15 – Investimento externo direto em milhões de dólares correntes e exportações destinadas aos EUA .....	45
Figura 16 – Total de reservas detidas pela China, incluindo ouro .....	45
Figura 17 – PIB em dólares correntes de 1980 a 2012: China x Estados Unidos .....	46
Figura 18 – Produto Interno Bruto <i>per capita</i> China x Estados Unidos .....	46
Figura 19 – Taxa de crescimento da produção em porcentagem: China x Estados Unidos.....	47
Figura 20 – Comparação China x Estados Unidos: Participação na educação terciária por 100.000 habitantes .....	48
Figura 21 – Comparação China x Estados Unidos: gastos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) como porcentagem do Produto Interno Bruto (PIB).....	48
Figura 22 – Comparação entre China x Estados Unidos: mudanças na complexidade econômica.....	49



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BW – Bretton Woods

EUA – Estados Unidos da América

IED – Investimento Externo Direto

FMI – Fundo Monetário Internacional

PIB – Produto Interno Bruto

PPC – Poder de Paridade de Compra

P&D – Pesquisa e Desenvolvimento

RPC – República Popular da China

SGM – Segunda Guerra Mundial

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Tema E Problema De Pesquisa.....	11
1.2 Objetivos.....	11
1.2.1 Objetivo Geral .....	11
1.2.2 Objetivos Específicos .....	11
1.3 Metodologia.....	11
1.4 Referencial Teórico .....	12
4 OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.....	15
4.1 A Consolidação Da Hegemonia Norte Americana – A Segunda Guerra Mundial .....	15
4.2 Bretton Woods, Yalta, Potsdam E O Começo Da Guerra Fria.....	16
4.3 O Pós-Guerra: Guerra Fria E Auge Do Sistema Bretton Woods .....	20
4.4 A Crise Do Sistema De Bretton Woods E O Declínio Hegemônico.....	23
4.5 Dos Anos 70 Ao Ano 2000 .....	24
5 A CHINA.....	28
5.1 A China No Pós-Guerra E A Era Mao .....	28
5.2 A Nova China.....	29
6 O CRESCIMENTO E ESTREITAMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS SINOAMERICANAS E A DISPUTA HEGEMÔNICA .....	33
7 Conclusão .....	52
8 Referências .....	54

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

O seguinte trabalho se insere no âmbito da Economia Internacional e História Econômica, pretendendo abordar a relação entre Estados Unidos e China com enfoque em: (1) a trajetória histórica dessas duas nações à partir da Segunda Guerra Mundial para os Estados Unidos e da Revolução Socialista de Maó-Tsé Tung para a China; (2) Demonstrar através de dados estatísticos o fortalecimento das relações comerciais e diplomáticas entre China e Estados Unidos à partir da década de 70; (3) Concluir se a China pode ser um competidor a hegemonia estadunidense no curto prazo ou somente no longo prazo.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Determinar se a China se encontra em situação de concorrer ao posto de hegemônico no sistema interestatal no curto prazo ou se essa possibilidade só é possível no longo prazo.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

a) Efetuar uma revisão histórica breve sobre a construção da hegemonia norte americana no século XX após a Segunda Guerra Mundial, sua ascensão nos anos posteriores e o declínio da mesma.

b) Fazer uma breve revisão histórica sobre a China após a Revolução Socialista de Mao Tsé-Tung com ênfase para as reformas econômicas da década de 70 e suas consequências.

c) Analisar o comércio sino americano a partir dos anos 80 e relacionar os dados com a estratégia de desenvolvimento chinês e as relações de competição entre esses dois países.

d) Avaliar a condição da China como concorrente a hegemonia no curto ou longo prazo.

## 1.3 METODOLOGIA

O método utilizado para alcançar os objetivos desse trabalho, foi o levantamento de informações e dados a partir de livros, textos, artigos, trabalhos de conclusão de curso e *sites* da internet.

Para estruturar a revisão histórica da hegemonia estadunidense foram utilizados dois autores base: Giovanni Arrighi em seus livros “O longo século XX” de 1996 e “Adam Smith em Pequim” de 2008 e Immanuel Wallerstein em seu livro “O declínio do poder americano” de 2004. De ambos autores, foram aproveitados e utilizados os conceitos de hegemonia proposto nos livros. A estrutura cronológica da seção segue a dos livros e, além deles, foram utilizados outros documentos acadêmicos sobre o tema, tais como monografias, artigos e dissertações.

Utilizando praticamente o mesmo espectro de tempo da análise histórica estadunidense, a revisão histórica chinesa começa após a Revolução Socialista. De acordo com os objetivos propostos no trabalho foi dada ênfase aos períodos após a década de 70 do século XX, devido a aproximação dos países objeto do trabalho. Para isso foram utilizados autores variados, prioritariamente em artigos, sobre temas de economia e história.

Os dados presentes no trabalho são provenientes de *sites* da internet. As bases de dados utilizadas foram UNCTAD, *World Bank* (Banco Mundial), Unesco, *The observatory of economic complexity*, U.S. Census *Bureau*, IndexMundi e *CIA Factbook*.

O trabalho de conclusão de curso será apresentado em 4 seções que compreendem: (1) história da consolidação da hegemonia estadunidense a partir da Segunda Guerra Mundial, tendo como base, principalmente, os livros “O longo século XX”, “Adam Smith em Pequim” de Giovanni Arrighi e “O declínio do poder americano” de Immanuel Wallerstein; (2) uma revisão da história econômica chinesa a partir da Revolução Socialista, porém com ênfase maior nas reformas econômicas de 1970 e 1990; (3) Utilização de dados estatísticos para demonstrar o estreitamento das relações sino americanas a partir de 1970 e sua consolidação nos anos 90, procurando demonstrar a relação de parceria entre ambos os países, principalmente, no que concerne ao crescimento de ambas as economias; (4) concluir a partir da revisão dos dados e da história de ambos os países, se a China se apresenta no curto prazo como concorrente a hegemonia norte americana ou dependente da relação existente entre os países.

#### 1.4 REFERENCIAL TEÓRICO

Durante a década de 70 do século XX, o mundo acompanhou a retomada das relações diplomáticas e comerciais entre China e Estados Unidos. (CARVALHO; CATERMOL, 2009) Isso aconteceu durante um período de insegurança gerada pela Guerra Fria, falência do

Sistema de Bretton Woods e também as reformas econômicas incorridas na China durante a transição de poder de Mao Tsé-Tung para Deng Xiaoping. (HUNG, 2008)

Essas reformas econômicas propostas pela China se encontram dentro do padrão adotado alguns anos antes por outros países do leste asiático. Tal estratégia de desenvolvimento era marcada por uma forte participação estatal em setores escolhidos e forte viés exportador. Os maiores expoentes desse modelo são Japão, Coréia do Sul, Taiwan, Hong Kong e Cingapura. Tais países passaram a compor o que ficou conhecido por “Tigres Asiáticos”. A China utilizou a mesma estratégia, começando um pouco atrasada, porém devido a seu tamanho populacional e econômico foi eleita como uma possível competidora ao domínio norte americano no longo prazo. (HUNG, 2011)

Assim, durante as décadas subsequentes o mundo acompanhou o crescimento nas relações comerciais sino americanas. A partir da década de 90 a China começa a mostrar um desempenho econômico notável, puxado principalmente por grandes influxos de investimento externo direto, grandes incrementos de produção, crescimento de PIB e investimentos vultosos em infraestrutura.

Porém, a partir da virada do século a China começa a desempenhar de maneira ainda mais forte no cenário mundial. Em 2002 o comércio sino americano era no valor de \$125,19 bilhões de dólares e em 2012 foi de \$452,62 bilhões de dólares (CENSUS, 2014). Além disso, começa a se tornar mais comum a interação entre esses dois agentes com os termos *designed in USA* seguido por *assembled in China* (CARVALHO; CATERMOL, 2009)

Atualmente se nota um aumento da complexidade dos bens manufaturados pela China, ou seja, não há somente a compra de bens de baixa complexidade tecnológica e baixo valor agregado, caracterizando uma nova inserção no curto para médio prazo da economia chinesa. (GEREFFI, 2008)

A partir da crise de 2008, também conhecida como crise do *Subprime*, a relação sino americana sofreu algumas alterações, pois às vésperas do estouro da bolha a China emergiu como maior exportador para os EUA e, ao mesmo tempo, seu maior credor, financiando o déficit de transações correntes americano e sustentando sua capacidade de absorver importações. Enquanto as exportações de baixo custo da China ajudaram a baixar a inflação nos EUA, sua compra sem precedentes de títulos do tesouro norte-americano contribuiu para reduzir seu retorno e, conseqüentemente, as taxas de juros americanas. Dessa maneira, a

China surgiu nos últimos anos como o principal suporte da vitalidade econômica norte-americana. (HUNG, 2011).

Os conceitos utilizados no trabalho podem ser encontrados no artigo de Arienti e Filomeno (2006). O primeiro deles é o de sistema-mundo. Arienti e Filomeno (2006) definem esse conceito como “uma unidade espaço-temporal, cujo horizonte espacial é co-extensivo a uma divisão do trabalho que possibilita a reprodução material desse mundo. Sua dinâmica é movida por forças internas, e sua expansão absorve áreas externas e integra-as ao organismo em expansão” (p. 103). Já o conceito de economias-mundo, pode ser definido por “uma divisão de trabalho integrada através do mercado e não por uma entidade política central” (p. 104).

Outro conceito necessário a esse trabalho, também presente no artigo de Arienti e Filomeno (2006), é o de cadeias de mercadorias. Tal conceito geralmente se relaciona ao comércio de longa distância, indo além das fronteiras territoriais dos Estados nacionais. São cadeias produtivas que englobam desde a extração da matéria-prima até a transformação desse produto. Tal movimento, da extração a transformação da matéria-prima, se dá, na maior parte das vezes, na periferia e no centro do sistema. Geralmente, a periferia do sistema são aqueles países que as burguesias nacionais não possuem tanto poder dentro do sistema, e ficam relegados a produzir a parte menos rentável da cadeia. Em contrapartida, o centro do sistema é onde está localizada o comando do sistema, a burguesia mais forte, assim ela consegue se apropriar da parte da produção mais rentável. (ARIENTI; FILOMENO 2006)

Finalmente, o último conceito que se demonstrará essencial a esse trabalho pode ser encontrado, mais uma vez, no trabalho de Arienti e Filomeno (2006). O conceito utilizado é o de hegemonia, nesse artigo, hegemonia é definido como a situação em que a rivalidade permanente entre as chamadas grandes potências é tão desequilibrada, que uma potência é realmente a maior entre as outras que pode impor suas regras e desejos ao sistema mundial, nas áreas econômica, política, militar, diplomática e até cultural.

## 4 OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

### 4.1 A CONSOLIDAÇÃO DA HEGEMONIA NORTE AMERICANA – A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Ao final da Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos se encontravam em posição muito privilegiada em relação aos países participantes da guerra. Isso se deu, principalmente, por sua atuação durante a guerra. No primeiro momento servindo como país produtor de armas, equipamentos e comida para os países aliados. Depois, atuou militarmente na guerra, possuindo papel importante em seu desfecho. Finalmente, no pós-guerra atuando como financiador e fomentador da reconstrução do bloco capitalista do mundo e do Japão e se posicionando como expoente do mundo capitalista. Analisaremos agora cada uma dessas fases.

Nos anos antecedentes a Segunda Guerra Mundial o capitalismo não vivia sua fase mais próspera e pujante. Ecos da primeira guerra ainda eram sentidos nas economias de diversas nações, que se encontravam com suas economias precárias, com inflação galopante e, em alguns casos, hiperinflação. O mundo sofria com a recente crise de 1929, deflação nos preços das mercadorias e ativos, diminuição do comércio internacional, crises bancárias, etc. Os EUA se encontravam com 20% de desemprego entre a população economicamente ativa e suas fábricas, em alguns casos, produzindo a apenas 30% de sua capacidade. Dentro desse cenário, o presidente Roosevelt lança o famoso plano do *New Deal*, onde procura fomentar a economia norte-americana com políticas de incentivo do governo. Mesmo com todas as medidas tomadas a economia estadunidense só começou a se recuperar efetivamente quando a Inglaterra declarou guerra a Alemanha, em maio de 1940. (BELLUZZO; TAVARES, 2004)

A declaração de guerra entre as nações europeias foi de grande impacto para os EUA, que fizeram na SGM o mesmo que fizeram na primeira, porém em escala aumentada. Inicialmente, não foi ao combate, participou provendo aos países aliados material bélico, comida e outros bens necessários. Em 1941, quando sofreram o ataque em Pearl Harbor - ponto decisivo para a entrada na guerra - a produção se encontrava 40% acima do nível observado em 1929. Isso demonstra que um dos fatores preponderantes para o sucesso estadunidense na guerra foi sua notável disponibilidade de mão de obra e capacidade industrial não empregadas, oriundas da crise. (ARRIGHI, 1996; WALLERSTEIN, 2004)

Assim como na Primeira Guerra Mundial, os EUA continuavam em uma posição geograficamente muito favorável: protegidos pelos dois lados pelos oceanos atlântico e pacífico, longe dos conflitos da guerra. Em primeiro lugar, esse fato faz com que não tenham sofrido nenhum dano significativo em seu território e, ainda mais importante, os colocavam em

condições ideais para utilizar sua indústria para o esforço de guerra. De acordo com Tavares e Belluzo (2004):

“ (...) a utilização de seu enorme potencial econômico foi realizada em condições ideais: o "esforço de guerra" legitimou a centralização das decisões nos órgãos estatais de coordenação, ao mesmo tempo em que a "segurança" do território garantiu a incolumidade do aparato produtivo e das redes de transportes e comunicações. Isto, sem dúvida, estimulou o avanço tecnológico (sobretudo nos ramos eletroeletrônico, químico e metalmeccânico) e a ampliação da capacidade em muitos setores. Os setores de transportes e telecomunicações ligados à guerra sofreram verdadeiras revoluções estruturais” (p. 122)

Assim, em dezembro de 1941, os EUA entram em guerra juntamente com o eixo aliado. Possuíram papel importante no desfecho dela, participando de batalhas importantes como a invasão da Normandia e as batalhas no Japão. Além disso, demonstrou todo seu poderio bélico ao mundo ao detonar as duas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki. (FERNANDES, 2015)

Em resumo, a 2ª Guerra Mundial é resultante de um eco da 1ª Grande Guerra. A situação de estagnação e alta inflação na Europa mantiveram os países em constante estado de tensão no pós Primeira Guerra, até se tornar insuportável e originar a 2ª Guerra. O papel desempenhado pelos norte americanos foi o mesmo desempenhado na guerra anterior, mas em maior escala. Iniciaram como produtores e provedores de bens para os aliados, acumulando vastas quantidades de capital, e posteriormente participaram da guerra de forma ativa, indo a combate. Um dos principais fatores para o desempenho estadunidense na Segunda Guerra foi a alta disponibilidade de capacidade industrial ociosa e mão de obra abundante, que ainda não haviam se recuperado totalmente do grande *crash* de 29.

#### 4.2 BRETTON WOODS, YALTA, POTSDAM E O COMEÇO DA GUERRA FRIA

Antes do final da Segunda Guerra, em julho de 1944, na pequena cidade de Bretton Woods, no Estado de Massachussets – EUA, os países que compunham o eixo aliado marcaram uma reunião para tentar redefinir os rumos da economia internacional no pós guerra, temerosos que o fim dela trouxesse de volta a recessão dos anos 30. Durante a reunião existiam duas propostas: a norte-americana, criada por Harry Dexter White e a proposta britânica, proposta por ninguém mais, ninguém menos que John Maynard Keynes (CARDIM, 2004). Cada uma das propostas representava em maior ou menor grau o interesse de seu país.



Porem, existiam três pontos onde havia um certo grau de consenso: (1) estabilidade e conversibilidade das moedas. A conversibilidade seria garantida pela abolição de controles e restrições no câmbio; (2) especialistas concordavam que alguma forma de reserva internacional deveria estar disponível para assistência de curto prazo, permitindo soluções econômicas expansionistas para balancear os déficits de pagamentos; (3) ambos os lados viam como necessária a criação de novos métodos de gerenciamento da economia internacional que permitissem o movimento de capitais e comércio ao mesmo tempo que promovessem estabilidade macroeconômica e pleno emprego nas economias domésticas. (IKENBERRY, 1993)

A proposta inglesa foi baseada praticamente em sua totalidade por propostas de Keynes em seus diversos trabalhos anteriores à reunião. Tais trabalhos apontam que uma reforma no padrão monetário internacional deveria criar condições para a demanda efetiva nacional e o comércio internacional se expandirem, enquanto a moeda desempenharia primordialmente a função de meio de troca. Para isso, seria necessária a criação de um Banco Central Mundial controlando a moeda internacional de modo que propiciasse liquidez para expansão do comércio entre as nações ao mesmo tempo que cobrisse as necessidades de ajuste de curto prazo no balanço de pagamentos. (FERRARI, 1994)

Assim, durante Bretton Woods, a proposta inglesa constituiu-se em propor a criação da *Clearing Union*, um “Banco Central dos Bancos Centrais”. Essa instituição tomaria conta da emissão da moeda internacional (*bancor*) a qual estariam referidas as moedas nacionais. As oscilações na balança comercial resultariam em déficits ou superávits em *bancors* junto à *Clearing Union*. Finalmente, a proposta inglesa possuía um mecanismo de equalização entre os ônus de ajustamentos no balanço de pagamentos que penalizava os países superavitários enquanto facilitava o crédito a países deficitários. Objetivava, assim, evitar os ajustes deflacionários e manter as economias nacionais em pleno emprego. (BELLUZO, 1995)

Já a proposta norte-americana, conhecida por Plano White, mantinha o ouro como reserva internacional. A paridade entre as moedas seria fixa, e ajustes cambiais só seriam permitidos mediante autorização de um Fundo de Estabilização em casos excepcionais. Tal fundo supervisionaria as políticas econômicas dos países membros e forneceria fundos para viabilizar ajustes temporários no balanço de pagamentos. Junto com esse fundo, seria criado um Banco Internacional para contribuir no fornecimento de liquidez ao comércio entre membros, além de flexibilizar os ajustamentos no balanço de pagamentos. (OLIVEIRA, MAIA e MARIANO, 2008)

A proposta aceita e ratificada durante o encontro foi a de Dexter White. Com o ouro se mantendo como reserva internacional surgiu a necessidade de criar uma medida de paridade. Padrões monetários lastreados em ouro já haviam demonstrado suas limitações e, aos fins da Segunda Guerra Mundial, o único país em situação econômica possível de estabelecer uma paridade com o ouro eram os Estados Unidos. Isso, devido à condição de ser o único país superavitário e reter consigo 70% das reservas mundiais de ouro. Assim, a moeda escolhida para estabelecer a paridade foi o dólar, criando uma nova fase na economia mundial, enquanto consolidava a hegemonia financeira estadunidense. O novo padrão estabelecia uma onça *troy* de ouro em trinta e cinco dólares, enquanto as outras moedas nacionais faziam paridade com o dólar (IDEM)

Assim, o novo padrão monetário adotado assemelhava-se muito ao antigo padrão libra-ouro. A diferença estava no dólar como a moeda chave do sistema (moeda para transações internacionais). Outra mudança no novo padrão foi de permitir somente aos Estados e Bancos Centrais efetuarem o saque de dólares em ouro a população não poderia exercer esse direito. Então, no sistema Bretton Woods, os EUA emitiam uma quantidade de dólar igual a quantidade de ouro em seus cofres, enquanto os outros países poderiam efetuar saques de dólar dentro da paridade estabelecida entre o ouro-dólar e as outras moedas com o dólar. Nesse sentido, as outras nações utilizavam o dólar como moeda de reserva e emitiam suas moedas locais de acordo com a quantidade de dólares que possuíam. (ROTHBARD, 2010)

Como previsto nos acordos, foram criadas uma série de instituições, entre as principais: as Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial. Essas foram criadas com a função de internacionalizar o sistema político-econômico norte-americano e aumentar o fluxo de trocas entre os países. (SIMON, 2011) Todas elas estavam sob a tutela política dos Estados Unidos e atuavam como pilares importantes do novo sistema interestatal que surgia sob a emergente hegemonia estadunidense. (COSTA, 2005)

Após o encontro em New Hampshire, o congresso estadunidense ratificou a proposta de BW em julho de 1945. Desse modo pode começar a consolidar sua hegemonia financeira em relação aos outros países do mundo.

Com o a questão financeira em resolução, haviam ainda duas questões a serem combatidas, a saber: (1) a União Soviética, representante do socialismo e maior potência militar terrestre e (2) terminar com o colonialismo, marca da hegemonia britânica, agora em decadência. Para tanto, duas conferências foram cruciais: Yalta e Potsdam.

Em fevereiro de 1945, antes do final da guerra, os três líderes das maiores potências aliadas - Roosevelt, Churchill e Stálin - se reuniram na cidade de Ialta (Yalta), na Crimeia.

Entre as principais questões em discussão estavam: (1) a questão das fronteiras entre a URSS e a Polônia - territórios poloneses e romenos foram entregues aos soviéticos; (2) países fronteiriços a União Soviética não possuiriam governos antissoviéticos. (VASCONCELLOS; MANSANI, 2013) Ainda, foi definido em Yalta o desarmamento e desmilitarização da Alemanha, assim como a divisão do território e da capital alemã em quatro partes comandadas cada uma por um dos países aliados - França, Inglaterra, EUA e URSS. (MUNHOZ, 2009)

Posterior, em julho de 1945, foi realizada outra conferência, dessa vez na Alemanha, na cidade de Potsdam. As conversas deveriam dar prosseguimento às discussões de Yalta, porém teve um caminho um pouco diferente. Roosevelt havia morrido e fora substituído por Truman, possuidor de ideias diferentes de seu antecessor. Outra variável relevante nessa conferência foi o anúncio do sucesso do Projeto Manhattan, tornando os EUA a única nação com poderio atômico. (VASCONCELLOS; MANSANI, 2013) Ainda em Potsdam, foi decidido que a Alemanha não deveria ser desmembrada em quatro partes, iriam manter a divisão do território, porém tratando-o como uma única unidade. (MUNHOZ, 2009)

Após essas duas conferências e o fim da guerra, o cenário da Guerra Fria já estava pronto. Conforme aponta Arrighi, em seu livro “O longo Século XX”, esses encontros definiram uma nova configuração global, alterando significativamente o modelo interestatal adotado. As conferências em questão definiram o fim do sistema colonialista inglês, visto que ficara acordado que os EUA teriam domínio sobre  $\frac{2}{3}$  do mundo, enquanto a União Soviética teria os direitos sobre o  $\frac{1}{3}$  restante.

Em síntese, perto dos fins da Segunda Guerra Mundial já era possível notar que a situação em que se encontravam os Estados Unidos era de grande superioridade em relação as destruídas potencias europeias. Porém, para ser alçado a condição de hegemon precisava se auto afirmar em 3 pontos, a saber: (1) financeiro, (2) ideológico e (3) organizacional. Para solucionar o primeiro ponto lançou mão da proposta de Harry Dexter White na convenção de Bretton Woods. Com isso, conseguiram implementar o dólar como moeda forte do sistema interestatal, garantindo-lhes posição privilegiada no jogo global. Ainda em Bretton Woods conseguiram resolver o terceiro ponto. A Inglaterra ainda se apresentava com domínios geográficos vastos oriundos de sua hegemonia em decadência. A criação de instituições internacionais como as Nações Unidas, Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial desempenharam importante papel no desmembramento do sistema colonialista inglês. Em relação a disputa ideológica, as convenções de Yalta e Potsdam delinearam a nova geografia espacial do sistema interestatal bipolar em surgimento e contribuíram para o desfacelamento do modelo colonialista.

Finalmente, os Estados Unidos se encontravam em posição para exercer sua hegemonia. Possuíam a maior renda do mundo, o maior poderio bélico com bases em diversos outros países, um papel quase monopolista na produção industrial, mais avançado cientificamente e a fé de que, somente sob sua égide, o mundo ocidental poderia prosperar em paz. Estava montado o cenário para a o mundo bi polarizado da Guerra Fria, com os Estados Unidos como centro hegemônico do lado ocidental.

#### 4.3 O PÓS-GUERRA: GUERRA FRIA E AUGES DO SISTEMA BRETTON WOODS

Em posse de 70% do ouro mundial, e agora com sua moeda sendo a principal no mundo, os Estados Unidos saíram soberanos e inteiros, ou seja, sem a necessidade de reconstruir um país destruído pela guerra. A função de “celeiro da guerra” colocou a balança comercial norte-americana em vultosos superávits, e mesmo após o seu fim, os esforços de reconstrução mantiveram essa tendência. Ademais, pela primeira vez em sua história, os Estados Unidos possuíam mais direitos sobre rendas geradas no exterior que deveres de pagamento de rendas geradas nacionalmente. Toda essa situação posicionou os EUA como um quase monopolista da liquidez mundial, principalmente, se considerada a demanda de outros países por sua moeda. (ARRIGHI, 1996)

Devido aos grandes esforços de guerra impostos a população norte-americana, havia uma grande quantidade de poder de compra acumulado sob a forma de ativos financeiros emitidos pelo governo para financiar a guerra. A indústria de bens duráveis, por exemplo, foi fortemente beneficiada pela população ávida por trocar seus automóveis, geladeiras, etc. (BELLUZZO; TAVARES, 2004)

No âmbito externo haviam duas questões chave ao fim da guerra, uma político-militar - a União Soviética, representante do socialismo e outra de cunho econômico - a reconstrução da Europa e do Japão. (ARRIGHI, 1996; WALLERSTEIN, 2004)

A aceitação do comunismo imediatamente após 1945 era notável. Muitos países europeus demonstraram isso nas eleições. Conforme aponta Wallerstein (2004) “(...) [Os partidos comunistas] conquistaram 25% a 40% dos votos nas primeiras eleições do pós-guerra na França, Itália, Bélgica, Finlândia e Checoslováquia.” (p. 41)

Assim, os dois primeiros anos do pós-guerra foram de grandes tensões internas em muitos países europeus. Até que em 1947, a Inglaterra, decadente e devastada, não conseguiu manter a ajuda aos governos anticomunistas grego e turco. Tal fato marcou uma forte mudança

na política externa norte americana, e deu origem a um dos pilares da Guerra Fria: a Doutrina Truman. (WALLERSTEIN, 2004)

Historicamente, os EUA mantiveram uma postura política isolacionista, onde procuravam não se envolver muito com fatores externos. Porém, ao concretizar sua posição central no novo sistema interestatal criado, como maior e mais produtiva potência industrial e maior retentor de riqueza, viu-se na necessidade de alterar essa postura, principalmente, devido a consolidação da União Soviética e a expansão do socialismo. (ARRIGHI, 1996)

Em março de 1947, o presidente Truman faz um discurso no congresso anunciando ajuda a Grécia e a Turquia, posicionando os Estados Unidos como bastião da livre economia. A Doutrina Truman, como passou a ser conhecida, foi um marco na política de contenção do socialismo adotada durante a Guerra Fria. Ficou avisado ao mundo que em casos de avanço das ideias socialistas eles estariam prontos para intervir. Além disso, ficou claro que os países teriam que fazer uma escolha: aliar-se ao mundo livre ou a cortina de ferro soviética. (IKENBERRY, 1996)

Agora, para além do plano político, outra questão estava imposta: como garantir os mercados europeus? Afinal, a indústria norte americana encontrava-se imponente, não haviam concorrentes. Todos eles se encontravam destruídos pela Guerra. A questão estava na falta de demanda perante sua produção. (WALLERSTEIN, 2004)

Nesse cenário, o principal pacote lançado nessa nova política externa foi o Plano Marshall. Ele visava a reconstrução dos países Europeus por duas razões: (1) a poderosa indústria norte-americana precisava de mercados para seus produtos; (2) a expansão socialista representava um risco aos interesses estadunidenses, logo a reconstrução rápida dos países aliados serviria para conter a expansão socialista ao mesmo tempo que servia de propaganda para o mundo que articulavam. (IDEM)

Para isso, o plano concedia empréstimos a juros baixos aos países Europeus, para que comprassem mercadorias norte-americanas. A contrapartida era a abertura de sua economia ao investimento estadunidense. Isso causou (1) a possibilidade dos EUA manterem seus níveis de produção, (2) o aumento do comércio internacional e de acordos bilaterais, (3) fomento aos negócios privados e a economia norte americana (4) a consolidação dos Estados Unidos como aliados dos países que aceitaram o plano e (5) a consolidação do capitalismo como forma preponderante na Europa Ocidental. (SIMON, 2011)

Até próximo ao final da década de 50 o sistema interestatal centralizado no dólar favoreceu em muito a economia norte americana. A reconstrução de toda a Europa ocidental se mostrava lucrativa e as companhias norte americanas floresciam. Os países Europeus

cooperavam com o sistema de Bretton Woods, evitando ataques especulativos ao dólar e mantendo o ouro nos cofres do federal reserve. (OLIVEIRA ET AL, 2008)

Arrighi (1996), aponta que a Guerra da Coréia foi de grande importância no cenário mundial. O rearmamento gerado durante e depois dela, propiciou grande liquidez na economia mundial. Os Estados Unidos atuavam no exterior tanto fornecendo ajuda militar quanto efetuando gastos militares diretos no exterior, fornecendo toda liquidez que era necessária para a economia mundial se expandir. Detentores da moeda forte do sistema, atuavam como um Banco Central bastante leniente e permissivo, permitindo o comércio e a produção mundial se expandir numa velocidade nunca vista. O período de 23 anos iniciado na Guerra da Coréia e finalizado com os acordos que praticamente terminam com a Guerra do Vietnã em 1973, são chamados de “A idade de ouro do capitalismo.” (ARRIGHI, 1996, p. 307)

Porém em meio a tanta prosperidade, na década de 60 a Europa e o Japão já haviam terminado sua reconstrução. A indústria norte americana já não apresentava tamanha vantagem em relação aos novos competidores. Os mercados nacionais foram reconquistados e podiam competir com os produtos estadunidenses em nível internacional. (WALLERSTEIN, 2004)

Mesmo com sinais de abalo, em 1961 o preço do dólar já havia superado a paridade proposta em Bretton Woods. Para manter o Sistema foi criado o *Gold Pool*, onde países signatários se comprometiam a “não converter seus dólares em ouro e, ademais, a vender ouro de suas reservas, de modo a sustentar a convertibilidade”. (OLIVEIRA ET AL, 2008)

Assim, em 1967 acontecem um forte fator de instabilização no Sistema de Bretton Woods: A saída da França do *Gold Pool* forçando os Estados Unidos a aumentarem sua cota de participação no fundo, juntamente com a desvalorização da libra, que aumentou a desconfiança dos agentes econômicos em relação a conversibilidade do dólar. (EICHENGREEN, 2000 APUD OLIVEIRA ET AL, 2008, p.207)

Em resumo, ao abrirem-se as cortinas do pós-guerra os Estados Unidos se encontravam como um quase monopolista da liquidez mundial e da produção, possuíam um mercado interno com forte demanda reprimida e ávido por consumir. Porém, no âmbito externo duas questões apareciam como empecilhos: (1) A União Soviética, agora possuidora de poderio bélico atômico e defensor do ideário socialista e (2) a falta de demanda para a produção estadunidense. Essas questões originam os dois pilares da política externa norte americana no período da Guerra Fria: a Doutrina Truman e o Plano Marshall. A Doutrina Truman foi a saída encontrada para o avanço comunista além do determinado em Yalta. Em síntese, previa a intervenção militar norte americana em qualquer território onde o comunismo tentasse dominar. Em relação a falta de demanda para seus produtos utilizaram o Plano

Marshall para reconstruir os países destruídos pela guerra e mostrarem ao mundo as vantagens de se aliarem ao mundo livre. Porém, já nos anos 60 a iniciativa de reconstruir os países aliados foi a gênese dos abalos do Sistema de Bretton Woods. A relação harmônica entre Estados Unidos e Europa e Japão foi rompida a partir do momento em que esses países se encontravam em condições de competir novamente pelos mercados nacionais e internacionais.

#### 4.4 A CRISE DO SISTEMA DE BRETTON WOODS E O DECLÍNIO HEGEMÔNICO

Aos finais dos anos sessenta o sistema interestatal proposto em Bretton Woods começava a dar sinais de ruptura. Além da saída da França do *Gold Pool*, haviam outros fatores exercendo pressão sobre o sistema, a saber: a competição industrial dos países reconstruídos da Europa ocidental e Japão; o Mercado de Eurodólares (ME); e a Guerra do Vietnam, que castigava o balanço de pagamentos, aprofundando a crise fiscal e de política externa.

A reconstrução da indústria nos países da Europa Ocidental, principalmente Alemanha, e no Japão começava a refletir em prejuízos para a indústria norte americana. Como era de se esperar, a promoção da reconstrução e, sobretudo, a industrialização desses países causou um forte aumento da concorrência em nível mundial. Por conseguinte, houve uma pressão gerada sobre a taxa de lucro em detrimento do aumento concorrencial, minando a posição dominante da indústria norte americana e seu saldo acumulado nos anos prévios. (WALLERSTEIN, 2004)

A Guerra do Vietnam foi outro grande golpe nas contas e confiança do sistema. Apesar de ser a maior movimentação bélica da história até então, foi uma longa guerra na qual os Estados Unidos não conseguiram prevalecer. Como resultado de longos anos de esforços para manter a guerra, se perdeu a credibilidade de poder de polícia no mundo ocidental e, juntamente, perde o controle do sistema monetário internacional. Isso aconteceu, porque os altos custos para sustentar a guerra e superar a oposição interna, fortaleceram a pressão inflacionária em nível mundial, aprofundando a crise fiscal estadunidense e levando ao colapso do padrão dólar-ouro. (ARRIGHI, 2008)

Outro agente poderoso nesse processo de reestruturação interestatal, foi o mercado de eurodólares. A formação de tal mercado foi um acidente da acumulação norte americana. Já em 1950 surge um esboço desse mercado, resultante da Guerra Fria. A desconfiança do bloco comunista em relação ao ocidente era latente, porém eles necessitavam manter certa quantidade de dólares para comercializar com o ocidente. Esses dólares eram guardados em

Bancos Europeus. Se junta ainda, a forte migração de capital das corporações norte americanas para a Europa, levando os grandes bancos dos Estados Unidos a atuarem na Europa, se beneficiando dos custos mais baixos e maior liberdade de ação proporcionada pela atividade bancária no exterior e do mercado de Eurodólares. (ARRIGHI, 1996)

Assim, conforme Arrighi (1996) define:

“A crise iminente do regime norte americano foi assinalada entre 1968 e 1973, em três esferas distintas e estreitamente relacionadas. Militarmente, o exército norte americano entrou em dificuldades cada vez mais sérias no Vietnã; financeiramente, o Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos verificou ser difícil e, depois, impossível preservar o modo de emitir e regular o dinheiro mundial estabelecido em Bretton Woods; e, ideologicamente, a cruzada anticomunista do governo norte americano começou a perder legitimidade no país e no exterior. A crise teve uma deterioração rápida e, em 1973, o governo norte americano havia recuado em todas as frentes.” (p. 310)

#### 4.5 DOS ANOS 70 AO ANO 2000

Wallerstein (2004) chama os anos 70 de um ‘longo período de estagnação’. Um período de estagnação no sistema mundo pode ser definido quando, em comparação com o período precedente, nota-se ‘uma considerável quebra dos lucros obtidos na produção’. Tal quebra produz três efeitos marcantes no sistema interestatal, a saber: (1) os detentores de capital deslocam suas iniciativas de lucro da esfera produtiva para a financeira; (2) grande aumento no nível de desemprego mundial; (3) ocorrem deslocamentos significativos das áreas de produção para regiões com salários mais baixos.

O mercado de Eurodólares, que participou ativamente da quebra do sistema de Bretton Woods, vinha crescendo exponencialmente desde os anos 60, chegando a quadruplicar o valor dos títulos em moeda europeia entre 1967 e 1970. Se junta, ainda, as condições pouco favoráveis de se reinvestir os lucros em atividades comerciais na Europa e, mais ainda, nos Estados Unidos. Assim, as empresas multinacionais norte americanas passaram a investir seus lucros nesses novos mercados financeiros ao invés de repatriá-los. (ARRIGHI, 2008)

Até que em 1971, o então Presidente Richard Nixon, decretou o fim da conversibilidade que estava no âmago de Bretton Woods. Em 1973, os Estados Unidos introduzem as taxas de câmbio flutuantes. Porém, após não ser capaz de manter sua promessa de paridade anterior, a demanda por dólares para transacionar entrou em colapso dada a falta de confiança e as subsequentes desvalorizações do dólar. (BELLUZZO; TAVARES, 2004)



Com a queda do padrão ouro-dólar, iniciou-se uma competição crescente entre agentes estatais estadunidenses e controladores privados sobre a produção de dinheiro e crédito mundiais. Nesse cenário haviam três tendências em ação: (1) o fim do câmbio fixo deu novo impulso a financeirização do capital, porque aumentou o risco e a incerteza nas atividades comerciais e industriais; (2) a perda de credibilidade como polícia do mundo e a grande desvalorização do dólar, levou os países do Terceiro Mundo a adotar uma postura mais agressiva nas negociações dos preços de matérias-primas industriais, principalmente o petróleo, depois da explosão dos preços em 1973; (3) a imensa oferta mundial de dinheiro e crédito não foi acompanhada por condições de demanda capazes de impedir a desvalorização do capital financeiro e, para piorar, o incremento de demanda gerou mais pressão inflacionária do que aumento do endividamento solvente. (ARRIGHI, 2008)

Por muitos anos, diversos países e empresas do mundo experimentaram uma grande quantidade de empréstimos provenientes da enxurrada de crédito gerada pelos petrodólares. Porém, diante da crescente insolvência e das grandes quantias emprestadas somadas a instabilidade já vigente desde o fim do padrão ouro-dólar, o FED opta unilateralmente por subir as taxas de juros. Ao impor a alta de juros os Estados Unidos conseguem restabelecer o dólar como moeda forte do sistema e causam uma grande crise de liquidez mundial. (BELLUZO; TAVARES, 2004)

Além disso, a alta dos juros reposicionou os Estados Unidos em termos mundiais. Ao diminuir os incentivos à expansão creditícia, saiu da condição de ofertador de moeda para demandador de moeda. Ao fazer isso, Arrighi (2008) afirma que foram criadas “condições enérgicas de demanda para a acumulação dessa liquidez através dos canais financeiros” (p. 170) Assim, após Bretton Woods os EUA tentam reestruturar o sistema com a chamada contra-revolução monetarista, que está embasada na cooperação e concorrência entre os Estados. Se coopera em períodos de crise e concorre em períodos de prosperidade.

Os anos oitenta começam com uma grande onda de dívidas por todo terceiro mundo e terminam com o fim do comunismo. Durante a década, os EUA passam a sofrer mais e mais com a dívida externa crescente, ao passo que a indústria japonesa e europeia aumentavam suas fatias do mercado mundial. Enquanto os EUA investiam em objetivos militares, seus concorrentes criaram vantagens ao investir em tecnologia produtiva. (COSTA, 2005)

No início dos anos 80, o então presidente Reagan inicia uma política monetária dura e um “Keynesianismo bastardo”. Tais medidas causavam um impacto a favor dos mais ricos, aumento do déficit fiscal e taxas de juros elevadas. Com as taxas de juros mais elevadas e

uma supervalorização forçada do dólar, o FED conseguiu retomar o controle do sistema bancário privado internacional. (TAVARES, 1985)

Existe também uma mudança de rumo na economia norte americana. Passaram a investir fortemente no setor terciário e indústrias de tecnologia de ponta. Com isso, passaram a deixar a velha estrutura industrial para os países periféricos, enquanto concentraram seu capital em novos setores. Dessa maneira, passaram a terceirizar boa parte de sua produção enquanto podiam investir fortemente no setor financeiro. (IDEM)

O fim da década de 80 foi marcado pelo trunfo ideológico norte americano com o começo do fim do regime soviético e com a forte guinada da economia norte americana como o “*trade locomotiv*” do sistema mundial. (TAVARES, 1985) Porém, os anos 90 começam com a economia com baixo crescimento e pequenos ganhos de produtividade. Até 95 a economia não ia bem, porém de 1996 a 2000 houve uma retomada na economia, amplamente guiada pelos aumentos de eficiência na produção e queda dos custos no setor de TI. Em suma, a pressão competitiva trouxe melhorias significativas na indústria de TI, que levou a queda nos preços e aumento do investimento por pessoas físicas e jurídicas. (HARRIS, 2010)

Os anos 90 são marcados pela chamada política de “Grande Moderação”, onde os EUA lançavam o ideário neoliberal como receita a ser seguida para o resto do mundo. Tal atitude causou diversas crises mundo afora no período, entre elas México, Rússia e Brasil. Dessa maneira, houve uma aceitação forçada do “livre mercado” e da globalização proposto então. A demonstração de força sobre o Iraque, após invadir o Kuwait, deixou claro quais seriam os princípios organizadores da nova geopolítica global norte americana. Sem um concorrente em nível global, eles se viam livres para agir como bem entendessem no mundo. Assim, foi criado um projeto consensual, com divergências em métodos de ação, entre republicanos e democratas visando um império global. (ARMSTRONG, 2013)

Os anos 2000 iniciam com um grande acontecimento que afetou fortemente o sistema interestatal: os ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque. O ataque colocou em cheque o poder norte americano, porque seus responsáveis não representavam uma potência militar organizada, ou qualquer coisa do gênero, e mesmo assim conseguiram adentrar e consumir seu ataque dentro da maior potência bélica do mundo, colocando em questão o real poderio estadunidense. Após os ataques, o presidente Bush declarou guerra ao terrorismo adotando uma postura de “ou estão conosco ou contra nós”. Desde então, os Estados Unidos se encontram em guerra contra o Afeganistão e Iraque, sua dívida externa vem crescendo, a confiança do resto do mundo em sua economia diminuindo. (WALLERSTEIN, 2004) Se junta a isso, ainda, a crise econômica mundial deflagrada em

2008 nos EUA, que passou a ser conhecida como Crise do *Subprime*, aumentando as questões sobre até quando os EUA poderão se manter como potência hegemônica.

Em resumo, os anos 70 definem a ruptura do Sistema de Bretton Woods. A partir de 1971, o mundo passa a conviver com o padrão dólar flexível. Durante sua implementação passou por diversas dificuldades, chegando quase a não estabelecer-se. Porém, a subida dos juros norte americanos juntamente com a revolução contra monetarista, reposicionaram os EUA em termos globais. Os anos 80 são marcados pelo keynesiasismo bastardo e uma política monetária dura. Esses dois fatores causaram uma forte redistribuição de renda a favor dos mais ricos, propiciaram a retomada do controle sobre o sistema bancário privado internacional e criaram as bases para a remodelação da indústria norte americana para setores de alta tecnologia, principalmente TI durante essa década. A década de 90 é marcada pela política de Grande Moderação adotada pelo país, onde passou a advogar o ideário neoliberal como caminho a ser seguido para o mundo em desenvolvimento. Em termos econômicos, somente a partir de 1996 que é notado uma evolução devido a aumentos da eficiência de produção e diminuição dos custos de TI. O começo do século XXI é marcado pelos ataques terroristas de 11 de Setembro. Tais ataques exerceram grande abalo na hegemonia norte americana e diversas duvidas sobre sua real capacidade de desempenhar seu poderio militar no mundo. Se junta a isso, ainda, a crise de 2008 como catalisadora do declínio estadunidense.

## 5 A CHINA

### 5.1 A CHINA NO PÓS-GUERRA E A ERA MAO

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a China entra em Guerra Civil. O confronto estava sendo travado entre os Nacionalistas e Comunistas. Durante o período de 1946 até 1949, o país sofreu de altas taxas de inflação e altos custos referentes à guerra. Finalmente, no dia 1 de Outubro de 1949, o Exército da Libertação Popular é vitorioso.

O regime chinês sob a tutela de Mao é marcado pela centralização dos recursos econômicos pelo governo, repressão do consumo, restrição da migração urbano-rural, extração intensa de excedente agrário através da coletivização de terras e a tesoura de preços entre produtos agrícolas e industriais. (HUNG, 2008)

Mao via a sociedade chinesa estagnada. Via que as relações sociais estavam congeladas no tempo, devido a ideia de que o imperador era uma figura divina e que suas decisões deveriam ser respeitadas. Além disso, via o povo chinês fragmentado em diversos clãs com rígida separação entre as classes sociais. Para quebrar esse ciclo, Mao achava necessário não permitir que uma classe se consolidasse no poder, evitando que essa se beneficiasse do *status quo*. Seu ímpeto por uma sociedade igualitária será analisado rapidamente em 3 fases: (1) Revolução de 49, (2) o Grande Salto Adiante e (3) na Revolução Cultural. (MILARÉ; DIEGUES, 2012)

Ao estabelecer a República Popular da China (RPC), um dos principais fatores de seu sucesso foi o entendimento entre os diversos níveis da sociedade (camponeses, operários e letrados) que era necessária uma redistribuição das terras. A união em torno desse objetivo comum forneceu a base para coordenar a sociedade e a economia, rumo a industrialização. O plano para desenvolver a indústria chinesa estava intimamente ligado a produção no campo. O fornecimento de matérias prima está no cerne do processo industrial, sem seu fornecimento não há produção. Além disso, em uma economia pouco desenvolvida a única fonte de geração de receitas com o exterior é o setor primário. Com essa receita se possibilita a compra de maquinário para poder financiar a industrialização do país.(IDEM)

Durante os anos subsequentes, uma onda de estatizações e fusões entre empresas privadas e estatais, possibilitou o governo chinês estar em controle da economia. Junta-se a isso também o apoio da União Soviética a China, que ajuda na implementação da economia planificada em planos quinquenais. Além das ajudas financeiras para industrializar o país.

Porém, em 1958 essa relação se encontrava abalada e Mao lança seu segundo grande projeto para a China: O Grande Salto Adiante. Esse projeto marca a ruptura das relações entre

China e União Soviética. Impulsionado pelo sucesso da coletivização das terras e da safra de 1957, Mao anunciou seu novo plano quinquenal. O objetivo era elevar a economia chinesa da condição agrária para a industrial, de acordo com os preceitos marxistas. Porém, o resultado foi catastrófico, em grande parte devido a fome gerada por má gerência das safras, e estima-se que tenham morrido de 20 a 43 milhões de chineses nesse tempo. Com isso, o plano acabou sendo terminado antes do previsto em 3 anos. (JACOB, 2013)

Após o fracasso do Grande Salto Adiante, em 1966 Mao lança seu último projeto que passou a ser conhecido por “Revolução Cultural”. Dessa vez, os jovens da China estavam em guerra contra os “quatro velhos”: velhos costumes, velha cultura, velhos hábitos e velhas ideias. Em agosto de 1966, Mao criou a "Guarda Vermelha" que era designada para punir oficiais e qualquer outra pessoa que demonstrasse tendências burguesas. (SZCZEPANSKI, 2015)

Mesmo com problemas significativos, a coesão social do regime de Mao estava embasada na garantia pelo partido de saúde gratuita, educação, emprego e outros serviços comunitários básicos para trabalhadores através de empresas estatais e comunas rurais. Durante esse era, a China apresentava alto crescimento de PIB e rápida expansão da rede de capitais do Estado. Assim, na década de 70, apesar da estagnação que a China enfrentava, ela possuía grandes quantidades de capital em mãos do Estado e uma grande quantidade de trabalhadores saudáveis e educados no campo. (HUNG, 2008)

## 5.2 A NOVA CHINA

Deng Xiaoping começou o projeto chinês de transição entre a economia planificada e a produção mista e integralmente privada no campo e nas cidades. No cerne dessas reformas estavam duas bases: (1) sistema de responsabilidade domiciliar e (2) política de portas abertas. Tais medidas se relacionavam, respectivamente, a propriedade e o comércio exterior. (GUERRA, 2009)

Em 1978, líderes locais da província de Anhui, autorizaram os camponeses a continuar produzindo após a cota para estocagem local. A medida autorizava os camponeses a comercializarem o excedente, isso implicou um forte ganho de produtividade no meio rural, aumentando a renda e a produção. O sistema se difundiu de forma bastante rápida, atingindo 93% das áreas rurais em 1983. Um contrato de arrendamento era estabelecido onde o agricultor

pagava com quotas da produção decrescentes ao longo do tempo, um terreno cedido pelo estado. (OLIVEIRA, 2008)

Em relação ao comércio exterior, a política de portas abertas, foi iniciada no mesmo ano a “Companhia de Navegação a Vapor dos Mercados Chineses”, em Shenzhen com o objetivo de vender o aço de navios desmontados para a construção civil de Hong Kong. Devido a crise do Yuan no ano seguinte a indústria mudou seu foco para produção de manufaturas leves e sugeriu ao governo que estimulasse investimentos estrangeiros, adotados na mesma Zona Industrial Especial de Shekou. (WANG, 1986 APUD GUERRA, 2004 p. 56)

Ao adotar a medida de abertura gradual para entrada de capitais, a China adotou uma postura seletiva em relação as suas importações: queriam que elas funcionassem como um multiplicador e incorporador de tecnologias e bens de capital, de modo que isso proovesse vantagens competitivas para a nascente indústria chinesa. O único modo de financiar tais ambições foi através do fomento as exportações. Assim, em 1982 foram criadas as Zonas Econômicas Especiais (ZEE), localizadas nas regiões costeiras mais próximas a mercados asiáticos mais pujantes como Hong Kong e Japão. Essas zonas eram abertas ao capital estrangeiro e voltadas a produzir para o mercado externo. Também recebiam benefícios fiscais, liberdade cambial, facilidade logística e portuária, autonomia administrativa e financiamentos concedidos pelo Estado. Logo, o projeto de modernização industrial era híbrido, mantinha-se a propriedade pública das empresas, enquanto se estimulava a difusão de não estatais, como as Empresas de Vilas e Municípios (EVM) e *joint ventures*. (OLIVEIRA, 2008)

A partir dos anos 80 a China tem apresentado crescimento médio superior a qualquer outro concorrente do leste asiático, com uma taxa média de crescimento de quase 10%. Além disso, somente entre os anos de 1990 e 2002 a China diminui a quantidade de habitantes que vivem com menos de 1 dólar por dia de 490 milhões para 88 milhões de habitantes. O IDH subiu de 0,53 em 1975 para 0,78 em 2006 e a população urbana cresceu de 18% em 1978 para 44% do total em 2006. (NONNENBERG, 2010)

Por trás de todo esse crescimento existem algumas questões que favoreceram esse desempenho. A China industrializou-se posteriormente aos chamados tigres asiáticos, assim pode se beneficiar de brechas deixadas por esses países para desenvolver-se. Os tigres asiáticos, em estágio de desenvolvimento superior a China, passaram a delegar as etapas de produção com maiores vantagens competitivas. Junto com os benefícios das ZEE, possibilitou a China se transformar em parte importante da produção e escoamento de mercadorias para o mercado

externo do sudeste asiático. Essa condição proporcionou um processo de internalização de *know how*, que concomitante a política industrial ativa que buscava fomentar os encadeamentos interindustriais para frente e para trás a partir de novas empresas ingressantes no mercado, permitiu a China galgar novos graus na escala de complexidade industrial e bens tecnológicos, logo, bens com maior valor agregado. (OLIVEIRA, 2008)

Começando na década de 80 e em ritmo acelerado a partir da década de 90, as reformas de mercado chinesas os transformaram em exportadores retardatários no leste asiático. Devido a seu tamanho demográfico e econômico e sua independência geopolítica em relação aos EUA, a China foi cotada como um país capaz de quebrar o ciclo de dependência com o norte global. Porém, o modelo de crescimento chinês, apesar do sucesso, deixou a China mais dependente que as outras economias do leste asiático desse mercado. Tendo adotado o mesmo modelo de desenvolvimento do leste asiático – industrialização voltada para exportações, baixo consumo e poupança alta – devido a seu tamanho levou esse modelo a seu extremo. (HUNG, 2008)

O crescimento chinês está intimamente ligado ao consumo dos mercados europeu e norte americano. Mas, essa relação com os mercados centrais que propicia o desenvolvimento chinês acabou relegando a China a condição de produtor de manufaturas de baixo custo. Além disso, por serem os maiores parceiros comerciais da economia estadunidense a estratégia do governo chinês foi de tornar-se o maior credor da economia norte americana já em 2014. Isso se deu devido ao interesse da China e do leste asiático em manter a economia norte americana aquecida. (HUNG, 2011)

A partir da Crise Asiática em 1997, o governo chinês altera sua política de expansão de gastos públicos, ampliando-a, e a manteve durante a recessão norte americana em 2001. Tais medidas foram seguidas pela aceleração dos superávits em conta corrente a partir de 2002. Diante de evidências em relação ao excesso de investimentos e superaquecimento da economia, o governo começou a limitar a produção em alguns setores já em 2004. Porém, a tentativa de desaquecer a economia foi revertida em virtude da crise econômica global, conhecida por Crise do *Subprime* em 2008. A resposta chinesa para a crise foi o lançamento de um pacote de estímulos econômicos de 600 bilhões de dólares. Além desse pacote, outras medidas anticíclicas foram tomadas, tais como a expansão do crédito, intervenções cambiais e subsídios às exportações. (GUERRA, 2009)

Em resumo, os pilares da reforma chinesa foram o sistema de responsabilidade domiciliar (propriedade) e a política de portas abertas (comércio exterior). Tais medidas foram implementadas no ano de 1978 em Anhui e Shekou. Anhui foi pioneira no processo de arrendamento de terras pelo Estado. Shekou foi o cerne da abertura econômica chinesa, tendo incentivado o governo chinês a tomar medidas de abertura da economia enquanto se reformulava a indústria local para atuar no setor de manufaturas leves. A partir dos anos 80 a economia chinesa começa a dar sinais de sua vitalidade e passa a demonstrar a maior taxa média de crescimento de PIB do mundo. Tendo se inserido no capitalismo após os outros países do leste asiático, a China obteve vantagens competitivas na produção, além de já possuir mão de obra abundante e barata. Foram aceitas também a criação de outras ZEE (zonas econômicas especiais) e o governo atua fortemente em busca de novos investimentos externos e transferência de *know how* das economias centrais do capitalismo. A década de 90 viu a aceleração das medidas tomada na década passada que culminaram no *boom* chinês a partir dos anos 2000. Mesmo com o contexto internacional pouco favorável no início do século XXI, a China utilizou suas reservas para continuar fomentando a economia local e continuar crescendo a taxas de dois dígitos ao ano até a crise de 2008. A partir de 2008, a estratégia chinesa foi de expandir ainda mais as políticas anticíclicas iniciadas já em 2002. Atualmente, a China é a segunda maior economia e vista por muitos como a maior concorrente a hegemonia norte americana.



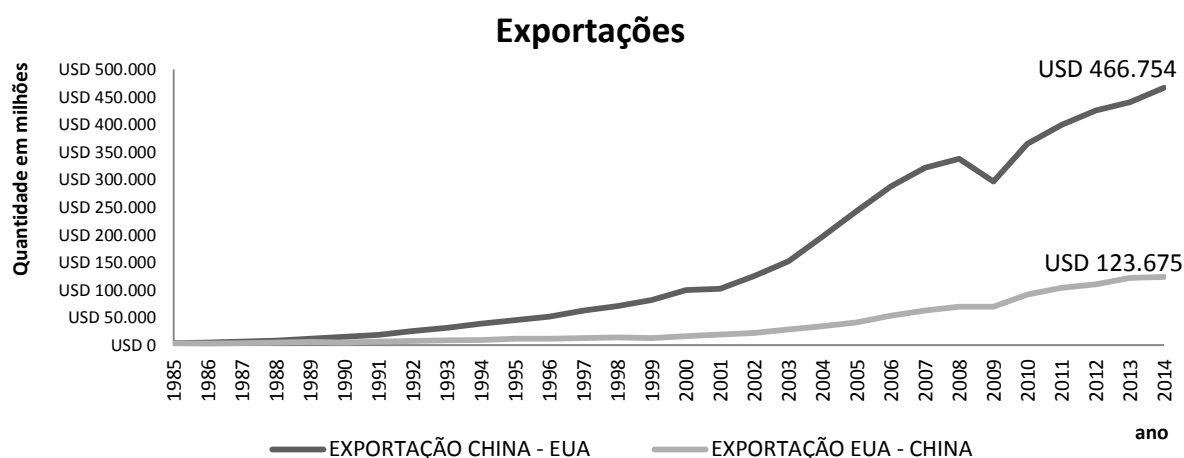
## 6 O CRESCIMENTO E ESTREITAMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS SINOAMERICANAS E A DISPUTA HEGEMÔNICA

De acordo com Cecília Carvalho e Fabrício Catermol (2009), China e Estados Unidos mantiveram-se em isolamento diplomático durante quase todo o século XX. No entanto, em 1972 o presidente norte americano Richard Nixon efetuou a primeira visita diplomática entre os países, ainda com Mao Tsé-Tung vivo. Dois anos após a morte do líder chinês, em 1979, EUA e China firmam relações diplomáticas formais. Os motivos por detrás dessa reaproximação englobam a debilidade enfrentada por ambos durante a década de 70 e a insegurança em âmbito internacional devido à Guerra Fria.

Situada no leste da Ásia, a China é considerada um tigre asiático retardatário, pois elaborou reformas econômicas depois desses países, porém no mesmo modelo dependente de exportações. Ainda assim, muitos analistas apostavam que devido a sua independência geopolítica, tamanho demográfico e econômico, a China poderia seguir um caminho diferente. Porém, mesmo com a crise econômica de 2008 e todos os outros abalos econômicos e políticos, a China encontra-se em condição de dependência ainda maior que os outros tigres em relação aos EUA. (HUNG, 2011)

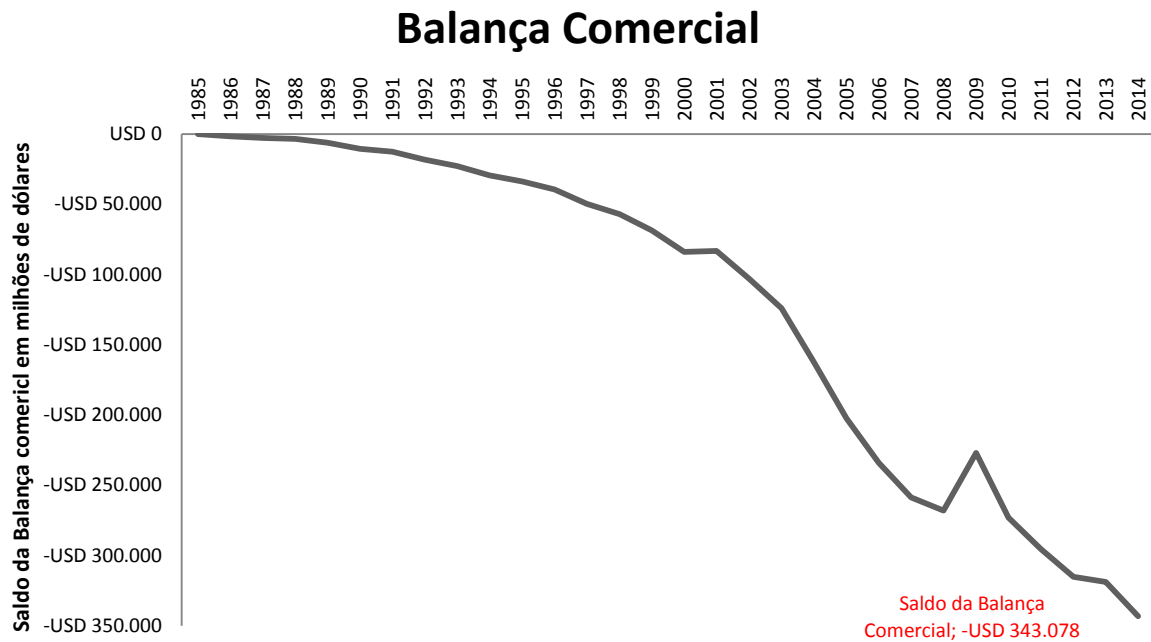
A partir dessa ideia, de que a China hoje em dia continua subordinada aos EUA, faremos uma análise de dados comerciais, macroeconômicos e sociais de ambos os países para verificar essa tese e, finalmente, concluir sobre a possibilidade de concorrência hegemônica entre os países.

Figura 1 – Exportações entre os países



Fonte: World Bank (2014)

Figura 2 – Balança comercial EUA-China entre 1985 e 2013

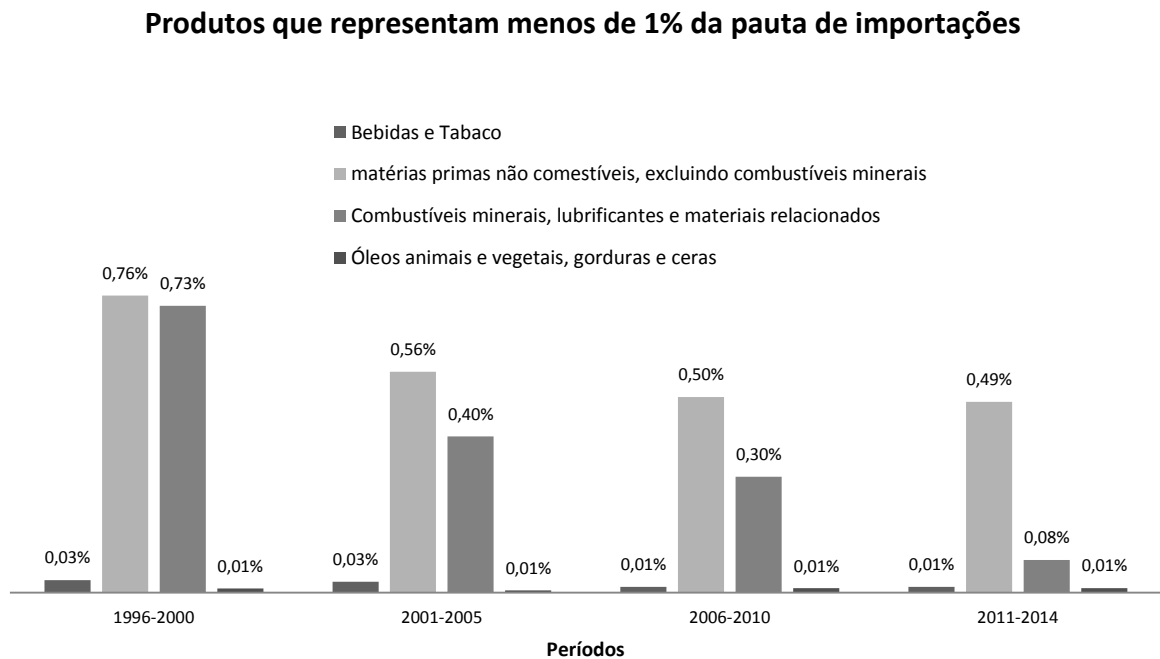


Fonte: World Bank (2014)

Conforme as figuras 1 e 2 acima, a partir de 1985 os países iniciam intercâmbio econômico em pequenas quantidades, \$3.861 milhões de dólares exportados pela China para os EUA e \$3.855 milhões no sentido inverso. O comércio entre ambos os países é equilibrado até os anos 90, a partir daí começa uma grande diferença dos fluxos comerciais entre os países. De 1990 até 2014 a diferença da balança comercial entre esses países aumentou em 3189% com um aumento anual médio de 16,3%.

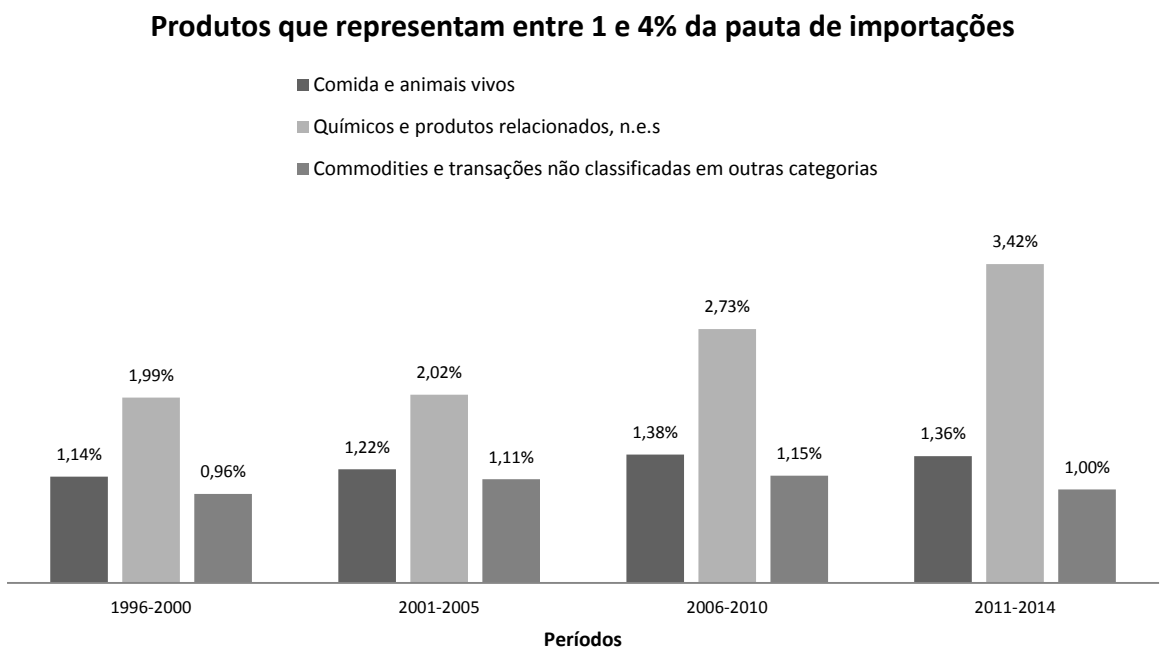
Além do déficit no balanço de pagamentos na magnitude de \$343 bilhões de dólares, houve ainda uma grande mudança na composição dessas exportações. Primeiro, faremos uma comparação entre a evolução da composição da pauta de importações dos EUA em relação a China em 4 períodos: de 1996 a 2000, de 2001 a 2005, de 2006 a 2010 e de 2011 a 2014.

Figura 3 – Produtos provenientes da China que representam menos de 1% da composição da pauta de importações com os Estados Unidos



Fonte: U.S. Census Bureau (2014)

Figura 4 – Produtos provenientes da China que representam entre 1 e 4% da composição da pauta de importações dos Estados Unidos

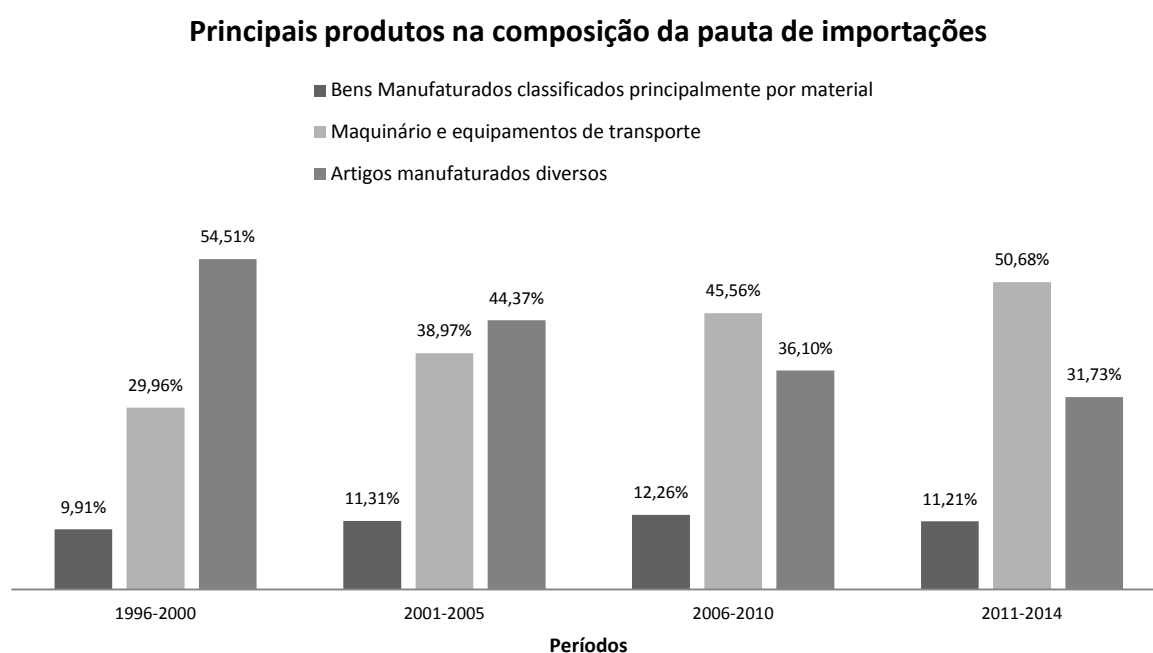


Fonte: U.S. Census Bureau (2014)

Na figura 4 acima, nota-se que os itens comida e animais e commodities e transações não classificadas em outras categorias se mantêm praticamente constantes. Isso se dá, em grande

parte, devido a grande população chinesa e a necessidade de alimentá-la. Logo não faria sentido exportar alimentos. Além disso, a China tem sido um importante importador de commodities para assegurar sua produção e crescimento, não fazendo sentido em exportar bens de que se necessita. O único grupo que possui uma forte ascensão nos períodos analisados é o de químicos e produtos relacionados, n.e.s. É importante notar, que dentre os grupos analisados esse é o de maior valor agregado e tecnologia presentes. O crescimento, para este grupo, foi de 71,85% entre 1996 e 2014.

Figura 5 – Principais produtos na composição da pauta de importações dos Estados Unidos



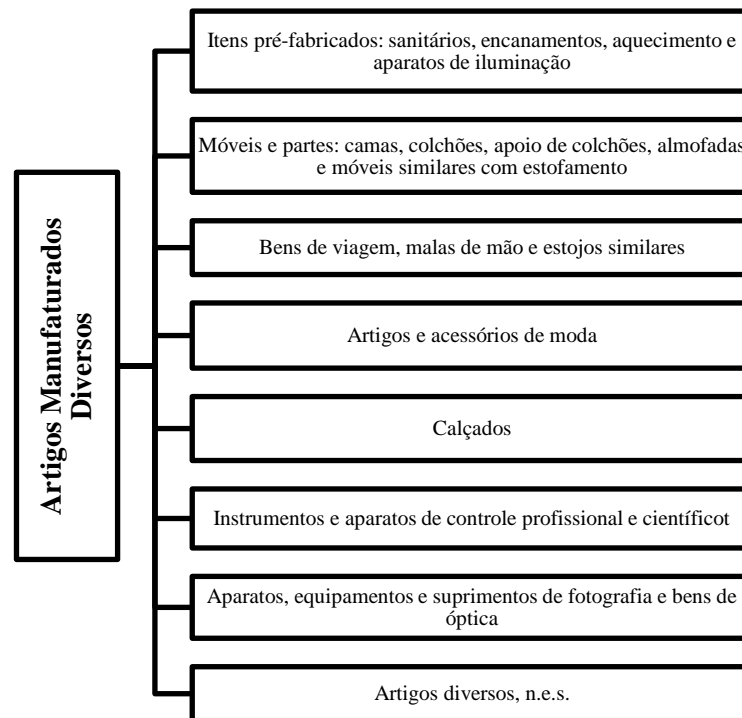
Fonte: U.S. Census Bureau (2014)

Analisando as três figuras acima (3, 4 e 5), percebe-se que entre os produtos menos importantes na composição da pauta de importações a variação é muito pequena, vale ressaltar somente a diminuição nas importações de matérias primas não comestíveis, excluindo combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados. Esses itens refletem a alta demanda chinesa por esse tipo de bens e a opção por não exportá-los. O segundo gráfico é composto por produtos com peso entre 1 e 4% na composição da pauta. Nesse grupo se nota um crescimento importante em químicos e produtos relacionados, enquanto o resto mantém-se quase constante. Finalmente, no terceiro gráfico, que representa os principais produtos na composição da pauta de importações, notam-se mudanças significativas no setor de maquinários e equipamentos de transporte de 29,96% no primeiro período para 50,68% no

último, enquanto artigos manufaturados diversos apresentam uma diminuição de 22,78% em participação entre os mesmos períodos, chegando a 31,73%.

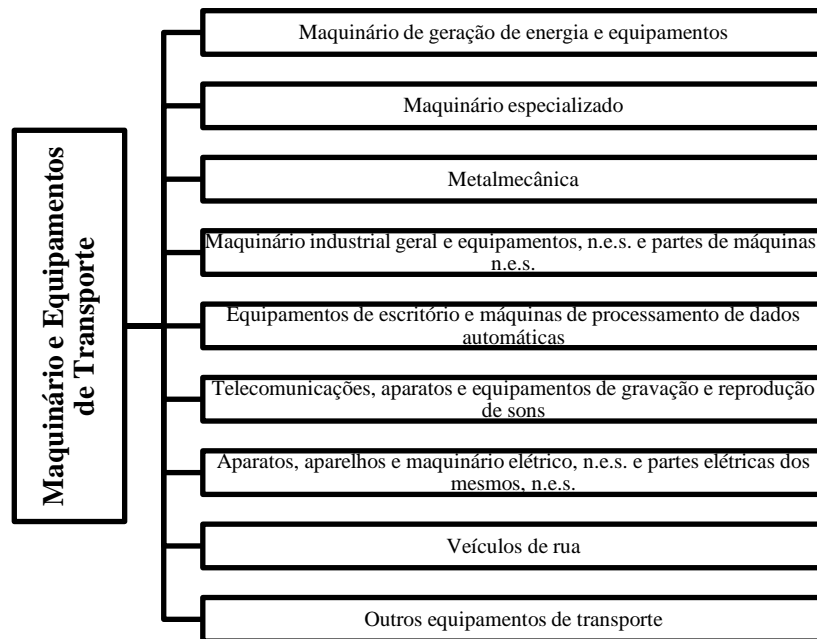
Desagregaremos agora a composição da pauta de importações dos dois principais componentes da troca sinoamericana: maquinário e equipamentos de transporte e artigos manufaturados diversos.

Figura 6 – Composição do item artigos manufaturados diversos



Fonte: U.S. Census Bureau (2015)

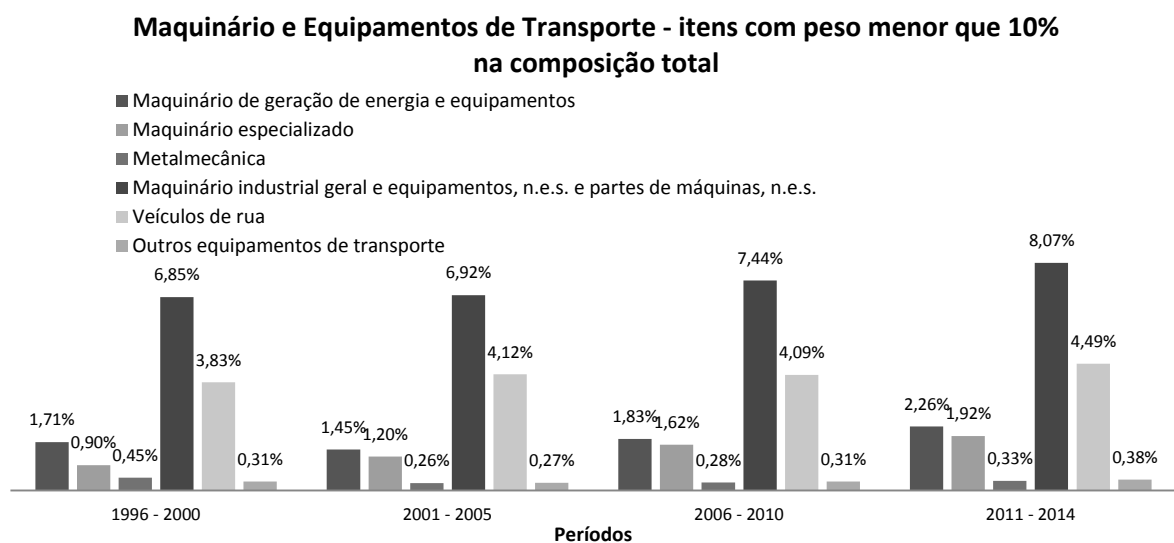
Figura 7 – Composição do item maquinário e equipamentos de transporte



Fonte: U.S. Census Bureau (2014)

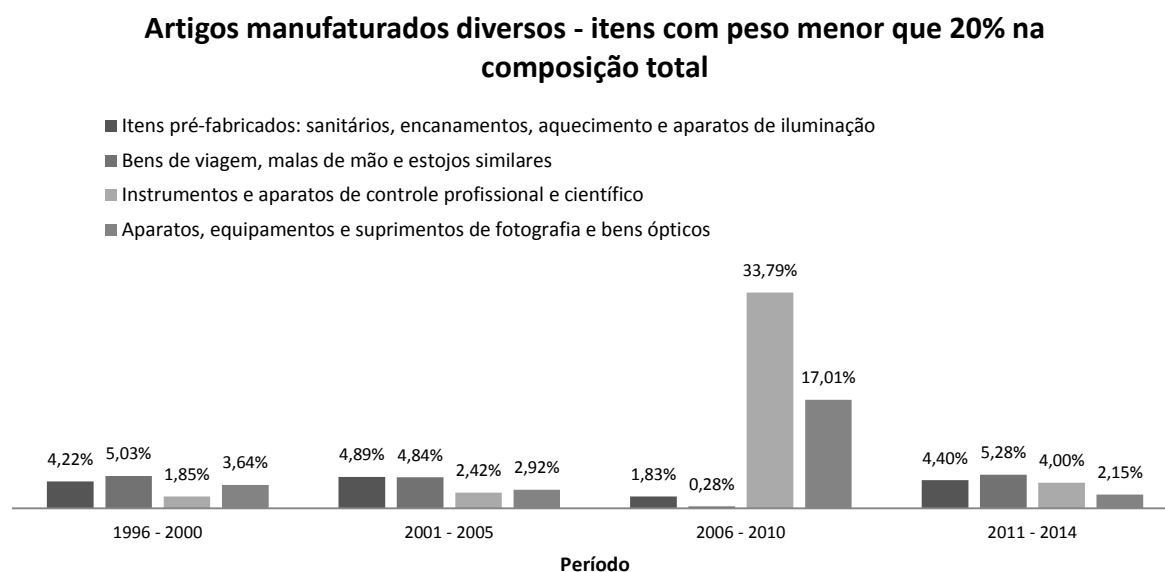
Isso foi feito para possibilitar, a partir da definição dos dois principais grandes grupos de exportação chinesa, um olhar mais afundo. Os gráficos a seguir são a decomposição dos artigos manufaturados diversos e dos maquinários e equipamentos de transportes.

Figura 8 – Decomposição da pauta de importações para produtos com representação menor que 10% do total para maquinário e equipamentos de transporte



Fonte: US Census Bureau (2014)

Figura 9 - Decomposição da pauta de importações para produtos com representação menor que 20% do total artigos manufaturados diversos



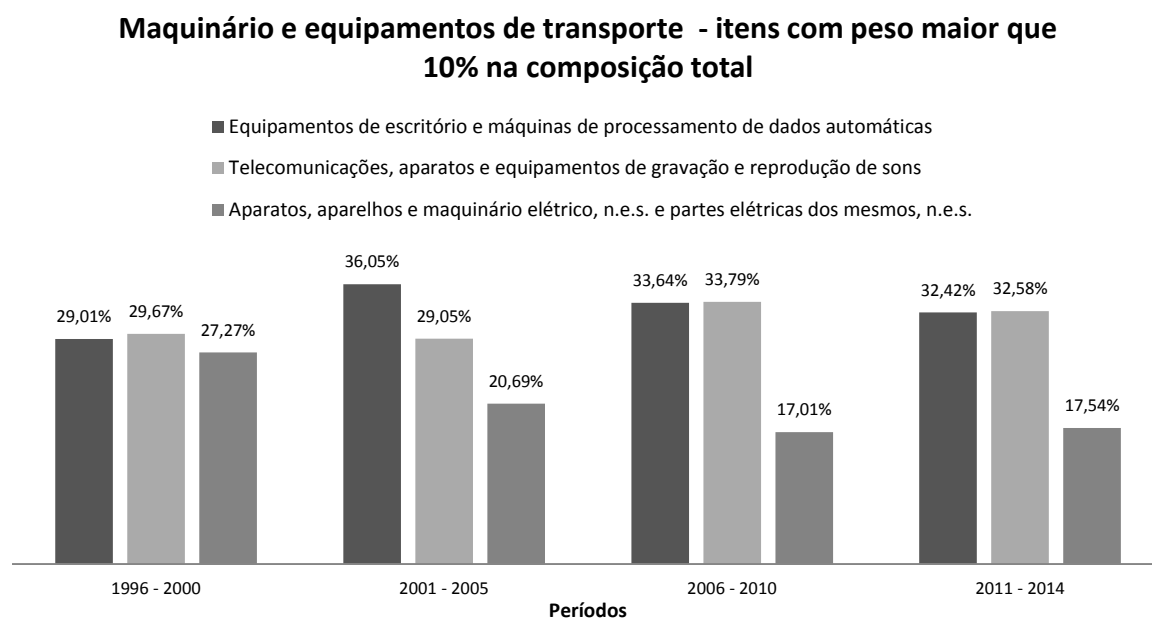
Fonte: US Census Bureau (2014)

A figura 8 representa os itens com menor peso na composição do maquinário e equipamentos de transporte. É interessante perceber que os itens que compõe o grupo continuam praticamente constante ao longo do tempo, representando a manutenção da produção. Percebe-se também que, mesmo nos itens menos importantes, existe um crescimento significativo em três setores de maior valor agregado, são eles: maquinário industrial geral e equipamentos, veículos de rua e maquinário de geração de energia e equipamentos. Todos esses setores são intensivos em capital e de valor agregado considerável.

Porém, ao analisar a composição dos artigos manufaturados diversos (figura 9), que são bens de menor complexidade, existe uma forte queda em sua importância, visto que no último período somente um desses itens representa mais que 5% da composição final do grupo, a única exceção é o crescimento abrupto no período de 2006–2010 dos instrumentos e aparatos de controle profissional e científico, porém já no próximo período ele volta ao patamar normal.

Veremos agora os principais itens da composição desses grupos nos gráficos abaixo.

Figura 10 – Decomposição da pauta de importações para produtos com representação maior que 10% para Maquinário e Equipamentos de Transporte

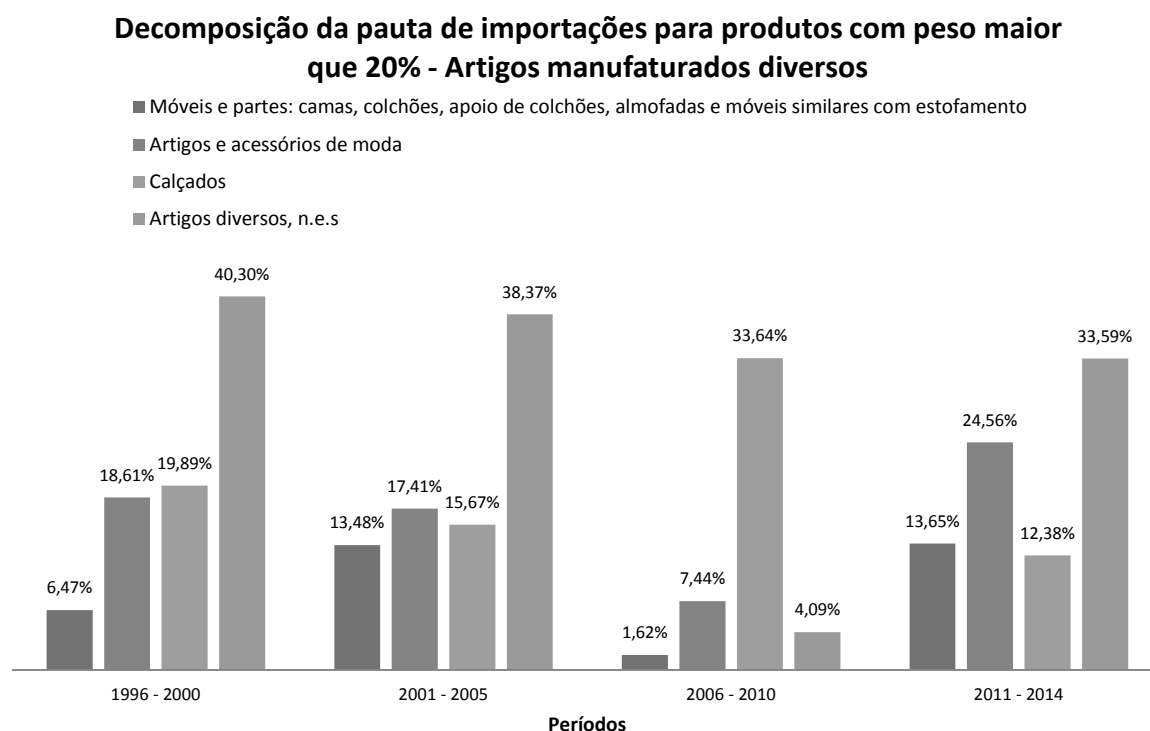


Fonte: US Census Bureau (2014)

Na figura 10 acima, nota-se que da composição do grupo de “Maquinário e Equipamentos de Transporte” para os produtos mais representativos na pauta, não houveram grandes variações entre os períodos. As mudanças notáveis são a queda de 35,68% nos “aparatos, aparelhos e maquinário elétrico” e o aumento dos itens de telecomunicações em 9,8%.



Figura 11 – Decomposição da pauta de importações para produtos com peso maior que 20% para artigos manufaturados diversos



Fonte: US Census Bureau (2014)

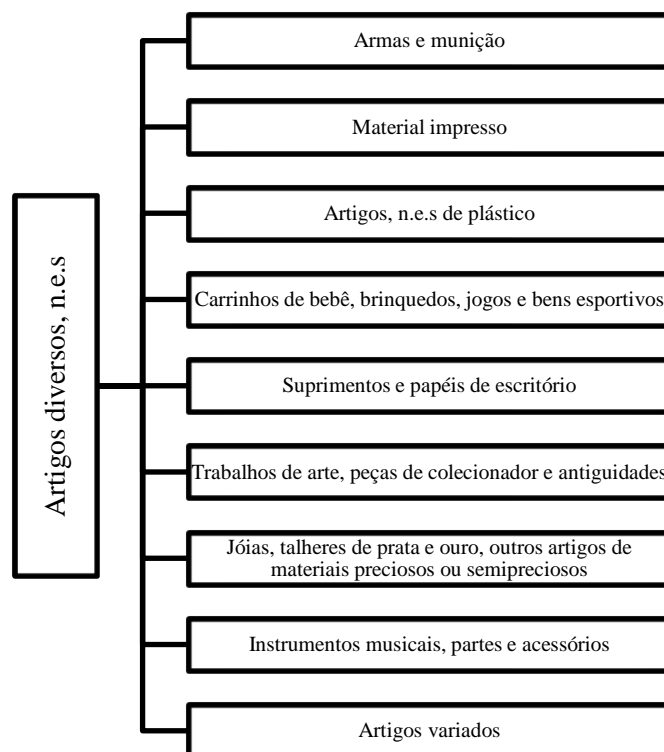
Para a figura 11, nota-se uma forte queda entre os “Artigos Diversos”, que são artigos de menor valor agregado e complexidade tecnológica. Para este item houve uma queda de 16,65% entre o primeiro e último período. Em compensação “Artigos e acessórios de moda” foi o item que demonstrou maior crescimento (31,97%), indo de 18,61% do total para 24,56%.

Dentre os itens que compõe o maior peso no grupo de maquinário e equipamentos de transporte (figura 10) notamos que há um crescimento em dois setores enquanto um decaiu. Respectivamente, telecomunicações, aparatos e equipamentos de gravação e reprodução de sons e equipamentos de escritórios experimentam um aumento ao longo do tempo, enquanto aparatos, aparelhos e maquinários elétricos diminui. As telecomunicações cresceram 9,8% entre os períodos e o setor de equipamentos de escritório 11,75%. Mais uma vez, percebe-se o movimento de aumento das exportações de produtos mais complexo e diminuição dos menos.

Agora, na figura 11 entre os artigos manufaturados nota-se que há uma queda generalizada em todos os grupos. Notadamente móveis e suas partes caem quase 7%, artigos e acessórios de moda mais que 10%, calçados algo em torno de 22% e, surpreendentemente, os artigos manufaturados diversos apresentam queda superior a 50%. Vale ressaltar aqui que

todos os artigos que compõe esse grupo são de baixa complexidade econômica e, pelo padrão apresentado até agora, parece ser a estratégia chinesa para os próximos anos, reduzir sua participação em produtos de baixo valor agregado e aumentar sua participação em áreas de maior valor. Para corroborar a afirmação acima, mostraremos a composição do item que mais diminuiu nesse grupo, o de artigos diversos.

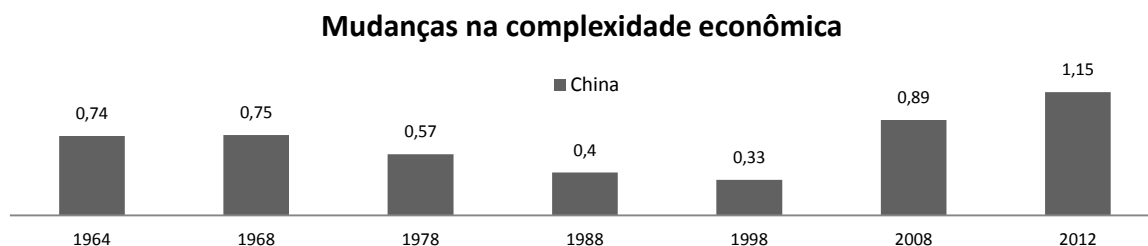
Figura 12 – Composição do item Artigos diversos não especificados em outras seções



Fonte: US Census Bureau (2014)

Assim, a intenção do governo chinês de reinserir a China no mercado mundial com produtos de maior sofisticação e maior valor agregado, veremos o índice de complexidade econômica, que é calculado pelo *The observatory of economic complexity* da Universidade de Harvard. O índice de complexidade econômica procura medir a qualidade tecnológica da produção de um país através da análise das capacidades produtivas dele relacionando isso aos indicadores educacionais, econômicos e tecnológicos necessários para produção de determinado bem. Enquanto maior o valor do índice maior é a capacidade daquela economia de produzir bens de maior valor agregado e tecnologia. Segue a figura 13 abaixo relativa ao grau de complexidade da economia chinesa ao longo dos últimos 40 anos.

Figura 13 – Mudanças na complexidade econômica da China



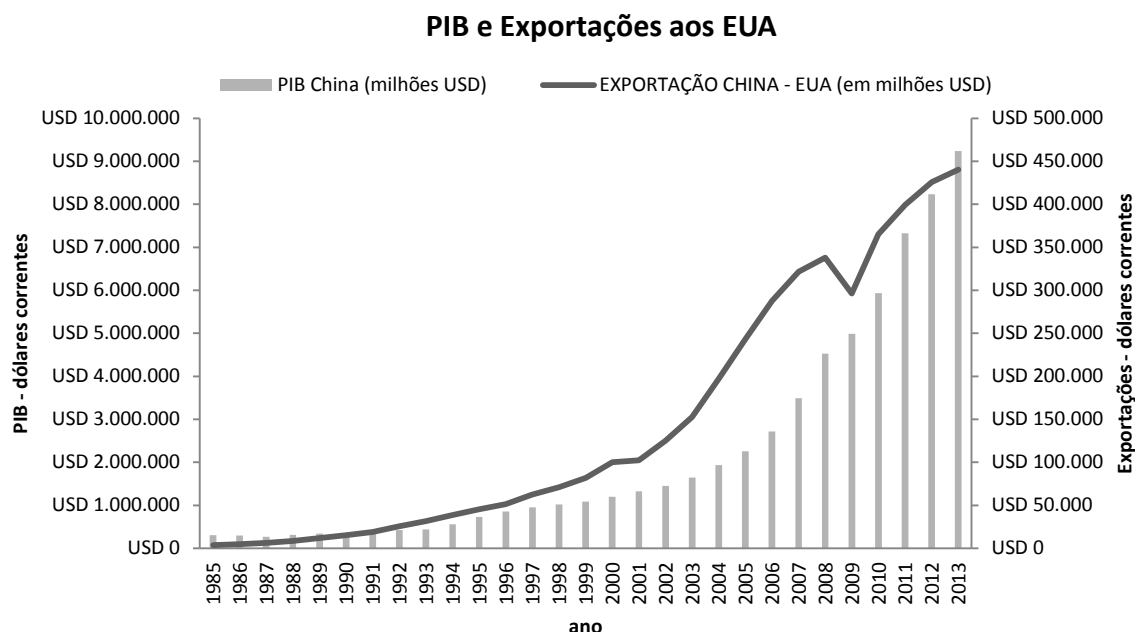
Fonte: The observatory of economic complexity (2012)

Agora, como podemos relacionar esse crescimento quantitativo e qualitativo da produção e comércio exterior chinês, com uma possibilidade de concorrência hegemônica com os Estados Unidos, seu principal parceiro comercial?

Para autores como Arrighi e Wallerstein, a hegemonia estadunidense está em pleno declínio. Arrighi chega a abordar o tema não mais como uma hegemonia norte americana, mas como uma dominação sem hegemonia, em seu livro *Adam Smith em Pequim* (2010). Devido a isso, tais autores considerem a China como o principal concorrente ao posto de hegemônico no sistema interestatal. Isso se deve em grande parte ao desempenho econômico mostrado pela China. Já foram feitas as análises dos dados comerciais, parte-se agora para os dados socio-econômicos.

Durante o último quartil do século XX o mundo tem acompanhado o crescimento do produto interno bruto (PIB) chinês. Ano após ano o PIB se encontra próximo ou acima dos dois dígitos percentuais de crescimento. Antes da análise gráfica, vale ressaltar que o modelo de crescimento e desenvolvimento adotado na China está intimamente ligado as exportações, sendo fortemente relacionadas.

Figura 14 – PIB chinês e total de exportações destinadas para os EUA em dólares correntes



Fonte: World Bank (2013)

O crescimento concomitante entre exportações e PIB, conforme figura 14, proporcionou uma possibilidade única de estímulos e investimentos no país. Com o crescimento do PIB em impressionantes 4879% desde 1980, a China agora é cotada para ser maior que a economia norte americana em 2021, de acordo com a revista *The Economist* (*The Economist*, 2014). Além disso, o Atlas de Complexidade econôm *The observatory of economic complexity* estima que a China tenha o maior crescimento de renda per capita do mundo, indo de \$3.774 USD em 2009 para \$5.962 USD em 2020, com crescimento médio esperado de 4.32% ao ano.

Todo esse crescimento faz com que a China se posicione como um dos principais destinos de investimento externo direto (IED) do mundo. O reflexo disso é a diversificação e crescimento da produção chinesa ao longo dos anos para suprir os mercados mundiais. Grande parte desse investimento é proveniente dos Estados Unidos, dado que as empresas norte americanas estão entre as grandes terceirizadoras de serviços e produção naquele país. O gráfico abaixo representa o crescimento do IED proveniente de qualquer país na China nos últimos anos.

A combinação entre aumento do IED, aumento das exportações e PIB propiciou (figura 15) a China ser a maior detentora de títulos do tesouro norte americanos. As reservas

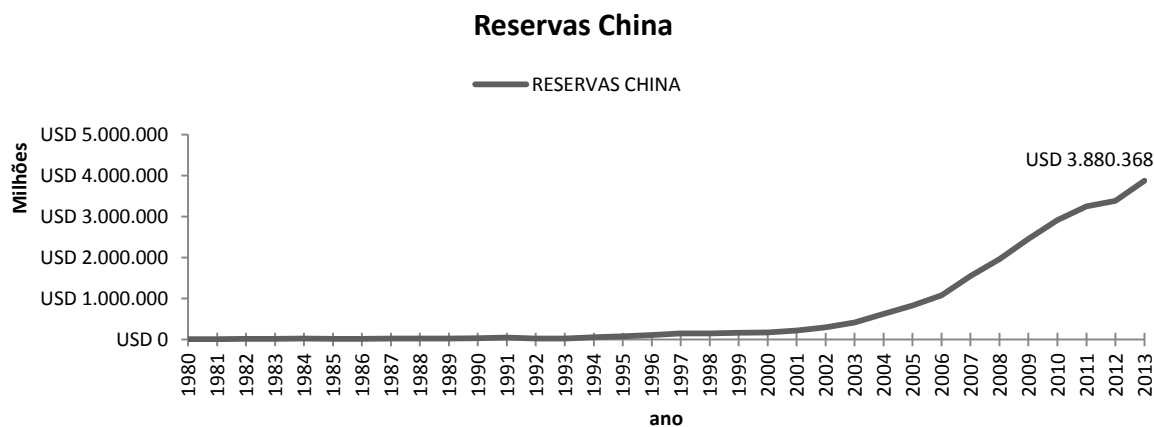
cambiais chinesas cresceram 38.355% no período entre 1980 e 2013, começando em \$10.090.779.282 e chegando a \$ 3.880.368.275.099 USD, conforme figura16.

Figura 15 – Investimento externo direto em milhões de dólares correntes e exportações destinadas aos EUA



Fonte: UNCTAD (2013)

Figura 16 – Total de reservas detidas pela China, incluindo ouro



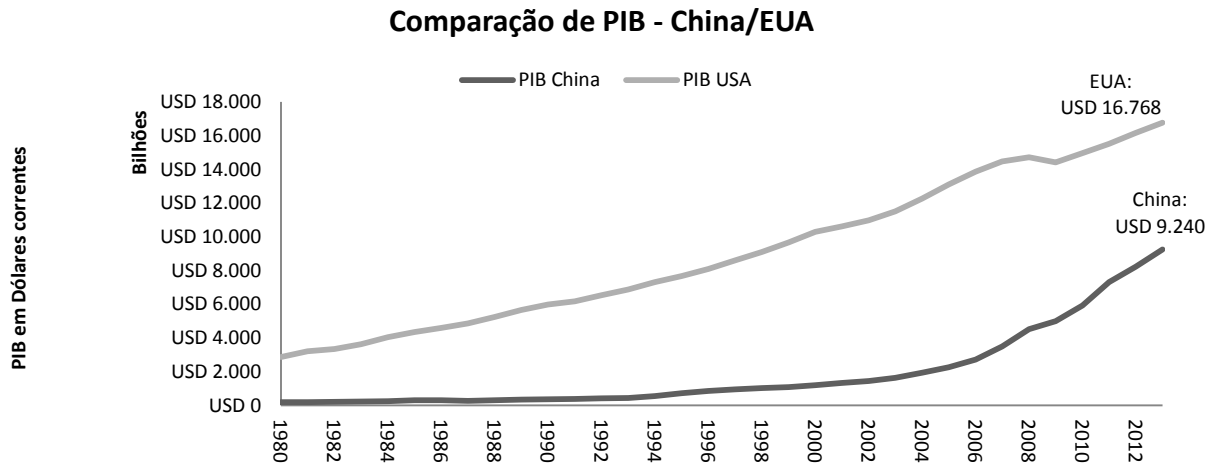
Fonte: Banco Mundial (2013)

A soma desses fatores consolida a China como potencial concorrente à hegemonia norte americana. Olharemos agora as condições atuais de competição entre esses dois países, considerando alguns aspectos.

Atualmente, a economia norte americana continua sendo a maior do mundo, com uma grande capacidade inovadora e grau de complexidade econômico elevado, embora não o

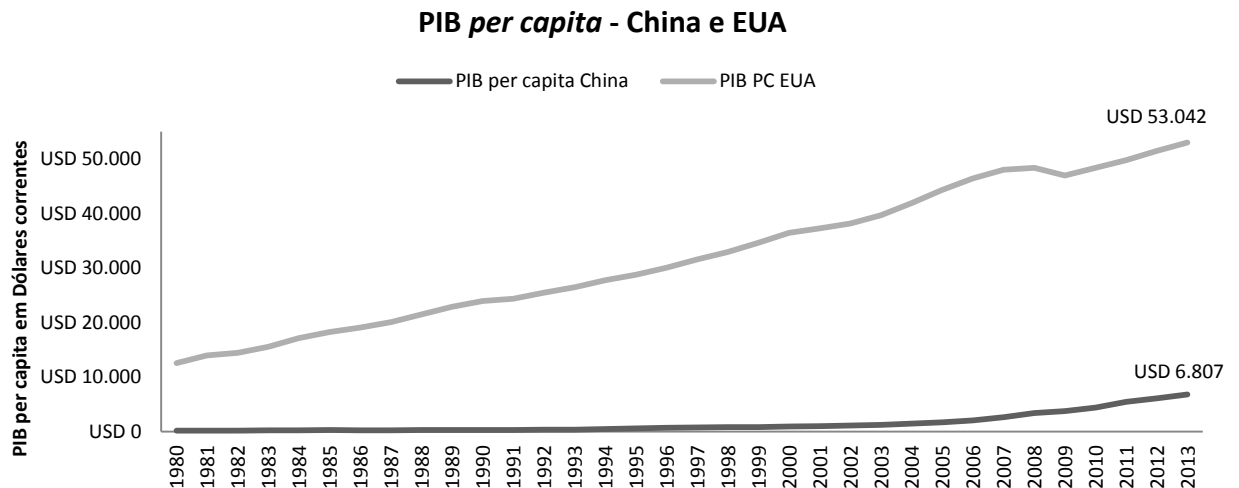
maior. Além disso, a capacidade militar que detém continua sendo a mais tecnológica e com maior quantidade de recursos.

Figura 17 – PIB em dólares correntes de 1980 a 2012: China x Estados Unidos



Fonte: World Bank (2013)

Figura 18 – Produto Interno Bruto *per capita* China x Estados Unidos



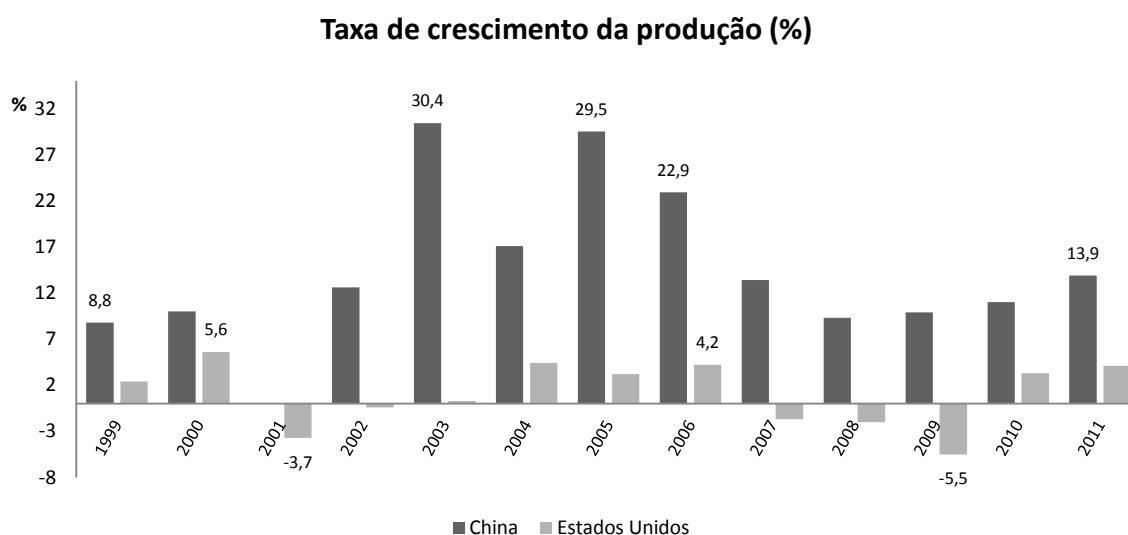
Fonte: World Bank (2013)

Quando comparadas as economias percebe-se rapidamente que mesmo com um grande crescimento de PIB a China continua com o PIB per capita em torno de 9 vezes menor que o dos EUA. Enquanto a China marca \$6.807 USD em 2013 os EUA se encontram em \$53.042 USD. Esses dados demonstram uma verdade já conhecida, o mercado interno norte americano é o mais forte do mundo, enquanto a China não possui um mercado interno relevante (em

termos comparativos de renda per capita), em grande parte devido a estratégia de crescimento apoiada nas exportações adotada pelo país nos últimos 30 anos.

A estratégia de crescimento voltada para exportações utilizada pela China acabou não priorizando os setores internos da economia, ainda que o parque industrial chinês seja plenamente diversificado e apto a concorrer nos mercados mundiais. Além disso, o crescimento médio da produção de 1999 a 2011 foi de 13%, atingindo no ano de 2003 30,4% de aumento como melhor marca e em seu pior ano um aumento de apenas 8,8% no ano de 1999. Enquanto isso, os Estados Unidos apresentaram uma taxa média de 2,4%, em 2000 obtiveram seu melhor desempenho com 5,6% de aumento da produção. Porém, experienciaram quatro anos de decréscimo da produção, sendo o maior em 2009 com 5,5% de redução, conforme figura 19.

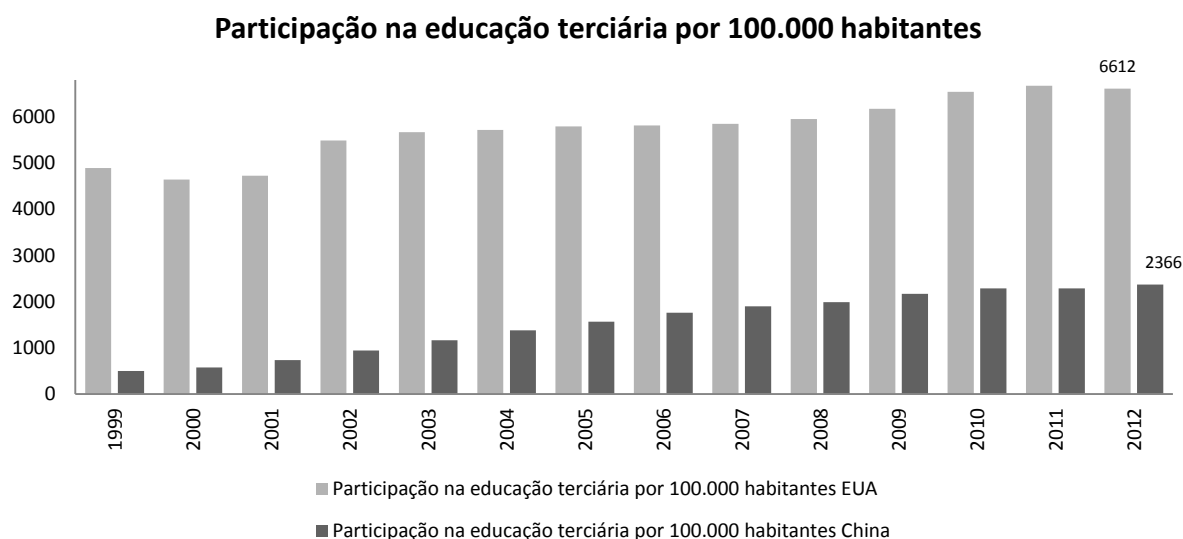
Figura 19 – Taxa de crescimento da produção em porcentagem: China x Estados Unidos



Fonte: indexmundi (2011)

Ainda em relação a produção, além do incremento em volume da produção, a China vem em uma crescente qualitativa na mesma. No que concerne a educação, a quantidade de chineses na educação terciária é de 122.044.794 estudantes enquanto nos Estados Unidos é de 22.268.612 estudantes. (UNESCO, 2012)

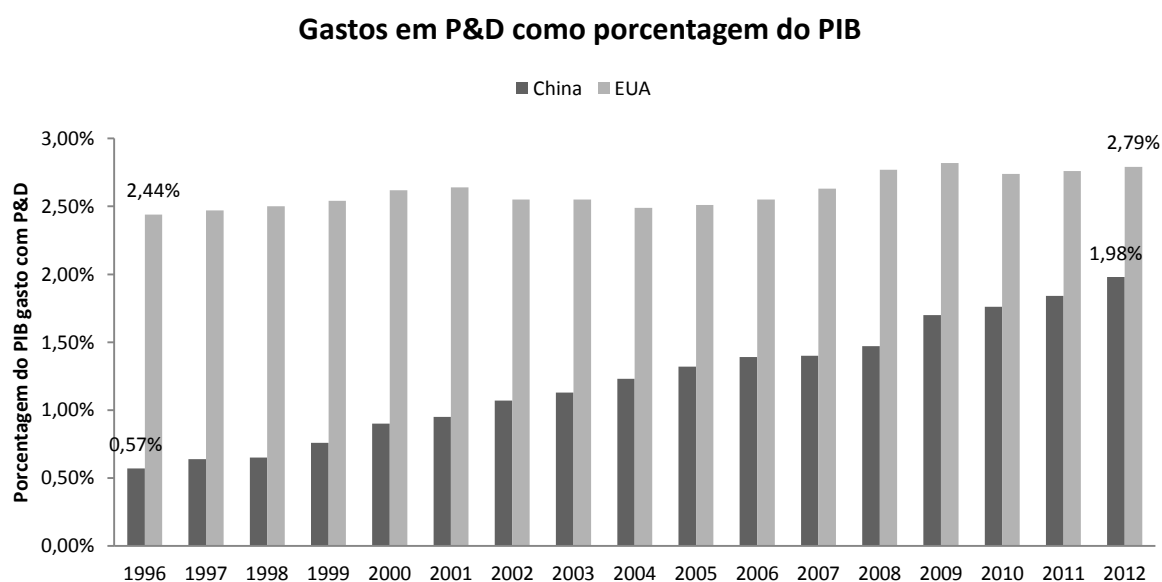
Figura 20 – Comparação China x Estados Unidos: Participação na educação terciária por 100.000 habitantes



Fonte: Unesco (2012)

A análise entre a quantidade de estudantes demonstra que a China é um mercado de mão de obra especializada incomparável. Mesmo assim, ainda existem diferenças em relação aos gastos em inovação entre os países, conforme mostra a figura 21 abaixo.

Figura 21 – Comparação China x Estados Unidos: gastos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) como porcentagem do Produto Interno Bruto (PIB)



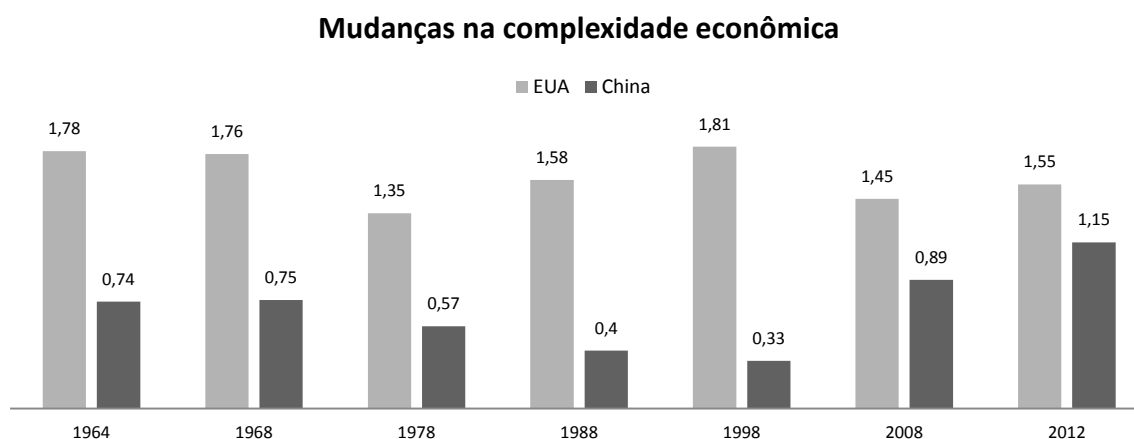
Fonte: Unesco (2012)

Mesmo que ainda em patamares menores, é notável o crescimento de gastos em P&D pela China. Vale ressaltar a tendência crescente de gastos com P&D em relação ao PIB da



China, enquanto os EUA se mantêm praticamente constantes. Finalmente, existe uma aproximação na complexidade econômica entre os dois países, em 1998 os Estados Unidos se encontravam 1,48 pontos afrente da China, em 2012 essa diferença caiu para 0,4, conforme figura 22.

Figura 22 – Comparação entre China x Estados Unidos: mudanças na complexidade econômica



Fonte: The observatory of economic complexity (2012)

Assim, perante análise desses dados pode-se concluir algumas coisas. O crescimento econômico chinês é sem precedentes na história do capitalismo. Na década de 70 a economia chinesa não se encontrava entre as maiores do mundo, porém com a utilização do modelo exportador já comum no leste asiático, em 40 anos a China se encontra como segunda maior economia do sistema interestatal com previsões de ultrapassar os EUA já no curto prazo.

Concomitante com o crescimento econômico baseado em exportações, a China experimentou um forte crescimento de suas reservas monetárias, sendo hoje em dia o segundo maior detentor de títulos do governo norte americano fora dos EUA, com \$1,2 trilhões de dólares deles em seu poder. (RYLEY, 2015) Para além disso, as reservas totais, incluindo ouro e outros títulos, do governo chinês é de \$3.880.368.275.099 USD, sendo de longe o país com maior quantidade de reservas no mundo. (WORLD BANK, 2013) Essa situação os coloca em posição privilegiada em relação as intempéries econômicas e também em relação ao planejamento de sua economia.

Igualmente, as exportações chinesas experimentaram um crescimento total de 11989% entre 1985 e 2014, somente para os EUA, desconsiderando o resto do mundo. De acordo com o Observatório de Complexidade Econômica, do MIT (*Massachusetts Institute of*

*Technology*) os seis principais parceiros comerciais da China são: EUA (19%), Hong Kong (11%), Japão (8,3%), Alemanha (4,4%) e Reino Unido (2,5%). Com exceção do Reino Unido, os mesmos países compõem os principais países dos quais a China importa, porém todos com balanças comerciais negativas, ou seja, importam da China mais do que exportam para ela.

Além do impressionante crescimento em quantidade nas exportações chinesas, Gereffi (2008) aponta o *upgrading* industrial no país, conforme define: “*Industrial upgrading is defined as ‘the process by which economic actors—nations, firms, and workers— move from low-value to relatively high-value activities in global production networks’*”<sup>1</sup>. Tal movimento é percebido na análise das figuras 10 e 11, onde nota-se o movimento de aumento das exportações de produtos mais intensivos em tecnologia e diminuição nos menos. Em seu mesmo artigo, Brandt e Rawski (2005) *apud* Gereffi (2008) nota isso quando diz que “*FDI has brought both capital goods and high technology into the country, and helped to move China’s export mix from ‘unskilled’ to ‘skilled’ labor-intensive activities, and has boosted China’s exports in the capital- and technology-intensive sectors*” (p. 40). A figura 13 demonstra esse movimento de forma condensada com a economia chinesa vindo de 0,33 pontos em complexidade econômica em 1998 para em 2012 apresentar 1,15 pontos, demonstrando vigoroso crescimento qualitativo de sua produção.

Ainda em relação a capacidade qualitativa da produção chinesa, nota-se o crescimento constante em gastos com P&D como proporção do PIB, conforme figura 21. Corroborando a afirmação, a China se tornou um dos principais destinos de P&D do mundo, devido a alta qualidade e o baixo custo de seus engenheiros somada a capacidade potencial de seu mercado interno. Em 1997 a China possuía menos de 50 centros de P&D multinacionais e em 2004 possuía mais de 600 (GEREFFI, 2008).

Tudo isso foi possibilitado a partir da simbiose entre governo e economia. Vale ressaltar algumas características chave desse modelo: (1) confiança no mercado como o mecanismo por trás do crescimento econômico; (2) procura intensiva e agressiva por investimento externo direto; (3) abertura do mercado doméstico para o exterior; (4) uso de mão de obra de baixo custo para participar na economia global; (5) harmonia na economia

---

<sup>1</sup> *Industrial Upgrading* é definido como o processo pelo qual os atores econômicos – nações, firmas e trabalhadores – vão atividades de baixo valor agregado para atividades de maior valor agregado nas redes de produção globais. (tradução do autor)

<sup>2</sup> IED trouxe bens de capital e tecnologia para o país, e ajudou a transformar a pauta de exportações de atividades não especializada para atividades especializada de uso intensivo de capital, e impulsionou as exportações chinesas no setores de capital e tecnologia intensiva. (tradução do autor)

local, enfatizando mais a supervisão “leniente” que a inspeção e o controle; (6) valorização do crescimento e *upgrading*, mesmo à custa da estabilidade social (GAO, 2006 APUD GEREFFI, 2008).

Essa conjunção de fatores internos e externos fez com que a China passasse de uma economia emergente em meados de 2000, para a principal potência concorrente a hegemonia estadunidense da atualidade. Concluiremos a seguir em relação as possibilidades de hegemonia chinesa no futuro.

## 7 CONCLUSÃO

O crescimento chinês dos últimos 30 anos é algo sem precedentes na história moderna do capitalismo. Nesse período a China passou de economia emergente para potencial maior economia, em termos de PIB, do mundo já em 2021. Além disso, o crescimento da produção e aumento de sua qualidade também é importante para posicioná-la como uma grande concorrente no capitalismo global.

Nesse mesmo período, os Estados Unidos vem experienciando diversos ataques e abalos em sua hegemonia. Após a quebra do padrão ouro em 1970, analistas como Arrighi e Wallerstein já apontam uma hegemonia declinante. Para além disso, após a queda da União Soviética e o fim da Guerra Fria no contexto internacional, ao invés de experimentarem uma forte consolidação de sua posição, notou-se uma crescente deterioração e dúvida em relação a essa hegemonia. Guerras mal sucedidas – Golfo e Afeganistão, por exemplo – colocaram em xeque a eficiência e superioridade bélica dos EUA. Sabe-se que são os mais tecnológicos, porém não ostentam o título de mais eficiente.

Ainda, o crescimento notável de países emergentes no contexto diplomático internacional, com o G20, por exemplo, tem colocado a diplomacia de Washington em situações cada vez mais complicadas em relação política internacional. Já existem novas forças geopolíticas interessadas em minar a dominação estadunidense em prol de uma política mais favorável aos países em desenvolvimento globais.

Dentro desse contexto de abalos na hegemonia norte americana, a China surgiu como a potencial competidora nesse jogo de dominação global. Porém, quais seriam os reais interesses no curto prazo da China em tomar a posição dos EUA no globo? Parece irreal afirmar isso, por que o modelo de desenvolvimento chinês não permitiria uma quebra nas relações sinoamericanas.

A economia chinesa é a maior detentora de títulos da dívida pública norte americana, de que serviriam esses títulos no caso da derrocada estadunidense no cenário global e concomitante troca de moeda forte do sistema internacional? Não parece interessante para a China ver que quase dois trilhões de dólares em reservas podem perder seu valor. Além disso, dado o viés exportador, o principal parceiro comercial da China e um dos principais investidores em sua economia é os EUA, fazendo com que o crescimento chinês esteja fortemente relacionado aos movimentos de Washington. Mais uma vez, a ruptura nessas relações não parece favorável.

Mais ainda, apesar dos gastos crescentes em P&D e notável aumento da qualidade de seus exportados, a China continua atrás dos EUA e outros países centrais no sistema interestatal em relação a produção de bens de alta tecnologia e valor agregado. Mesmo com os investimentos crescentes, sobretudo nos últimos 10 anos, ainda existe um longo caminho para ser trilhado para superar os EUA.

Finalmente, a renda per capita na China continua sendo muito inferior a dos Estados Unidos. Mesmo possuindo uma população enorme, que torna seu mercado interno atrativo por causa de seu volume, a disparidade entre as duas economias é gritante. O mercado norte americano continua sendo e, pelo menos até as estimativas para 2020, continuará sendo maior tanto em volume quanto capacidade de consumo per capita.

Portanto, pode-se concluir que a China ainda não apresenta condições de concorrer ao posto de hegemônica ao sistema interestatal, pois se encontra atrás dos EUA em praticamente todos os quesitos analisados neste trabalho. Também é importante notar que mesmo com seus gastos crescentes nos últimos 10 anos, os EUA se encontra em situação de desenvolvimento atual muito superior, o que faz com que a China precise realmente de quantidades muito maiores de investimento em termos gerais apenas para se igualar aos EUA, para ultrapassá-lo serão necessários ainda muitos anos.

A possibilidade de competição hegemônica entre esses dois países continua viva, porém em horizontes de mais longo prazo. Principalmente agora que o governo chinês planeja expandir e investir no consumo interno de seu país, potencialmente empoderando economicamente sua população em taxas maiores do que as atuais e diminuindo a dependência externa que possui.

## 8 REFERÊNCIAS

ARIENTI, Wagner Leal; FILOMENO, Felipe Amin. Economia política do moderno sistema mundial:: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. **Ensaio Fee**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p.99-126, jun. 2006. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/2138/2522>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

ARMSTRONG, Rodrigo Penteadado. A Política Externa Norte-Americana: Análise Histórica de Divergências Partidárias. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 4., 2013, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Relações Internacionais, 2013. p. 1-16. Disponível em: <[http://www.encontronacional2013.abri.org.br/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=2693&ei=Sy-QVZKSK8Ho-AGX54PoDQ&usg=AFQjCNGXxAYwcj6QyohRU-nfj5S9fosB9w&sig2=cd8gZCsTc5FWcA\\_E2I3aYw&bvm=bv.96783405,d.cWw](http://www.encontronacional2013.abri.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2693&ei=Sy-QVZKSK8Ho-AGX54PoDQ&usg=AFQjCNGXxAYwcj6QyohRU-nfj5S9fosB9w&sig2=cd8gZCsTc5FWcA_E2I3aYw&bvm=bv.96783405,d.cWw)>. Acesso em: 01 abr. 2015.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do Século XXI**. SÃO PAULO: BOITEMPO EDITORIAL, 2008, 428 p. Tradução Beatriz Medina

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX: Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 393 p. Tradução Vera Ribeiro.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. O declínio de Bretton Woods e a emergência dos mercados “globalizados”. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 4, p.11-20, jun. 1995. Semestral. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=421&tp=a>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

CARVALHO, Cecília; CATERMOL, Fabrício. As Relações Econômicas entre China e EUA: Resgate Histórico e Implicações. **Revista do Bndes**, Brasília, v. 16, n. 31, p.215-252, jun. 2009. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/revista/rev3108.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/revista/rev3108.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2015.

CARVALHO, Fernando Cardim de. Bretton Woods aos 60 anos. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n. 70, p.51-63, nov. 2004. Disponível em: <[http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/104/20080627\\_bretton\\_woods.pdf](http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/104/20080627_bretton_woods.pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2015.

CENSUS: Disponível em <http://censtats.census.gov/> . Acesso em 02 jun. 2015.

CIA FACTBOOK: Disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/> . Acesso em 02 jun. 2015

COSTA, Jales Dantas. **Crise Da Hegemonia ou Novo Império Norte-Americano: Um Confronto Entre a Economia Política dos Sistemas-Mundo e a Nova Economia Política do Sistema Mundial**. 2005. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Econômicas, Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FERNANDES, Cláudio. **Segunda Guerra Mundial**. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/segunda-guerra-mundial.htm>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

FERRARI FILHO, Fernando. A moeda internacional na economia de Keynes. **Ensaio Fee**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p.98-110, jun. 1994. Semestral. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/1678>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

FERRARI FILHO, Fernando. As Concepções Teórico-Analíticas e as Proposições de Política Econômica de Keynes. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.213-236, maio 2015. Quadrimestral. Disponível em: <[http://www.ie.ufrj.br/images/blog/REC\\_10.2\\_01\\_Concepcoes-teorico-analiticas-e-proposicoes-de-politica-economica-de-keynes.pdf](http://www.ie.ufrj.br/images/blog/REC_10.2_01_Concepcoes-teorico-analiticas-e-proposicoes-de-politica-economica-de-keynes.pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2015.

GEREFFI, Gary. Development Models and Industrial Upgrading in China and Mexico. **European Sociological Review**, Oxford, v. 25, n. 1, p.37-51, jul. 2008. Disponível em: <[http://www.cggc.duke.edu/pdfs/Gereffi\\_Development\\_&\\_upgrading\\_in\\_China\\_&\\_Mex\\_European\\_Soc\\_Review\\_Feb\\_2009\[1\].pdf](http://www.cggc.duke.edu/pdfs/Gereffi_Development_&_upgrading_in_China_&_Mex_European_Soc_Review_Feb_2009[1].pdf)>. Acesso em: 12 maio 2015.

HARRIS, Joel. **The Story of the 1990s Economy**. 2010. Disponível em: <<http://www.economics21.org/commentary/story-1990s-economy>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

HUNG, Ho-fung. O Braço Direito Dos Estados Unidos?: O dilema da República Popular da China na crise global. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 89, n. 1, p.17-37, mar. 2011.

HUNG, Ho-fung. Global Crisis, China, and the Strange Demise of the East Asian Model. **Swiss Journal Of Sociology**, Zurique, v. 34, n. 2, p.305-320, maio 2008.

HUNG, Ho-fung. Rise of China and the global overaccumulation crisis. **Review Of International Political Economy**, Bloomington, v. 15, n. 2, p.147-179, maio 2008.

INDEXMUNDI: Disponível em <http://www.indexmundi.com/pt/> . Acesso em 02 jun. 2015.

IKENBERRY, Gilford John. The Myth of Post-Cold War Chaos. **Foreign Affairs**, Washington, v. 75, n. 3, p.79-91, maio 1996. Mensal. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.org/articles/1996-05-01/myth-post-cold-war-chaos>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

IKENBERRY, John Gilford. The Political Origins of Bretton Woods. In: BORDO, Michael; EINHENGREEN, Barry (Ed.). **A Retrospective on the Bretton Woods System: Lessons for International Monetary Reform**. Chicago: University Of Chicago Press, 1993. Cap. 3. p. 155-198. Disponível em: <<http://www.nber.org/chapters/c6869.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

JACOB, Edwin Daniel. **Mao and The Great Leap Forward**. 2013. Disponível em: <<http://www.ncas.rutgers.edu/mao-and-great-leap-forward>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

LEÃO, Bruno Guerra Carneiro. **As Relações Econômicas EUA-China no Início do Século XXI: Análise à Luz das Dinâmicas Concorrentes da Geopolítica e da Globalização**. 2009. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Departamento de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013.

MILARÉ, Luis Felipe Lopes; DIEGUES, Antonio Carlos. Contribuições da era Mao Tsé-Tung para a industrialização chinesa. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p.359-378, maio 2012. Disponível em:

<[http://www.ie.ufrj.br/images/blog/REC\\_16.2\\_009\\_CONTRIBUICOES\\_DA\\_ERA\\_MAO\\_TUNG\\_PARA\\_A\\_INDUSTRIALIZACAO\\_CHINESA.pdf](http://www.ie.ufrj.br/images/blog/REC_16.2_009_CONTRIBUICOES_DA_ERA_MAO_TUNG_PARA_A_INDUSTRIALIZACAO_CHINESA.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2015.

MUNHOZ, Sidnei José. Para além do Muro de Berlim e de outras muralhas. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 102, p.50-61, nov. 2009. Disponível em:

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/8665>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

NONNENBERG, Marcelo José Braga. China: Estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 2, p.201-218, abr. 2010. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572010000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572010000200002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 08 mar. 2015.

OLIVEIRA, Amaury Porto de. O Salto Qualitativo de uma Economia Continental. **Política Externa**, São Paulo, v. 11, n. 4, p.6-13, maio 2003.

OLIVEIRA, Giuliano Contento de; MAIA, Geraldo; MARIANO, Jefferson. O SISTEMA DE BRETTON WOODS E A DINÂMICA DO SISTEMA MONETÁRIO INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEO. **Pesquisa & Debate**, São Paulo, v. 19, n. 2, p.195-219, fev. 2008.

Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=3288&tp=a>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

RILEY, Charles. **Japan now holds more U.S. debt than China**. 2015. Disponível em: <<http://money.cnn.com/2015/04/15/news/economy/japan-china-us-debt-treasury>>. Acesso em: 15 jun. 2015

ROTHBARD, Murray. **As crises monetárias mundiais: Fase V: Bretton Woods e o novo padrão ouro-câmbio americano, 1945-1968**. 2010. Disponível em:

<<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=258#Parte6>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

SZCZEPANSKI, Kallie. **What Was the Cultural Revolution?** Disponível em:

<<http://asianhistory.about.com/od/modernchina/f/What-Was-The-Cultural-Revolution.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

SIMON, Silvana Aline Soares. DE BRETTON WOODS AO PLANO MARSHALL: A POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA EM RELAÇÃO À EUROPA (1944-1952). **Relações Internacionais no Mundo Atual**, Curitiba, v. 2, n. 14, p.24-47, jun. 2011.

Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/viewFile/196/171>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

TAVARES, Maria Conceição. A retomada da hegemonia norte-americana. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 5, n. 2, p.5-15, maio 1985. Disponível em:

<<http://www.rep.org.br/pdf/18-1.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2015.



TAVARES, Maria Conceição; BELLUZZO, Luiz Gonzaga. A Mundialização do Capital e a Expansão do Poder Americano. In: **O Poder Americano**. Editora: Vozes. Petrópolis. p. 111-138.

The Observatory Of Economic Complexity: Disponível em <https://atlas.media.mit.edu/pt/> . Acesso em 02 jun. 2015.

UNCTAD: Disponível em <http://unctadstat.unctad.org/EN/> . Acesso em 02 jun. 2015.

Unesco: Disponível em <http://data.uis.unesco.org/>. Acesso em 02 jun. 2015.

VASCONCELLOS, Carlos-Magno Esteves; MANSANI, Roberta de Souza. As Conferências Internacionais de Yalta e Potsdam e sua Contribuição à Construção da Hegemonia Econômica Internacional Norte Americana no Capitalismo do após 2a Guerra Mundial. **Relações Internacionais no Mundo Atual**, Curitiba, v. 2, n. 18, p.41-55, jun. 2013. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/731>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

VIEIRA, Giuliano Contento; MAIA, Geraldo; MARIANO, Jefferson. O SISTEMA DE BRETTON WOODS E A DINÂMICA DO SISTEMA MONETÁRIO INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEO. **Pesquisa & Debate**, São Paulo, v. 19, n. 234, p.195-219, jun. 2008. Semestral. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rpe/article/view/7570/5510>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O declínio do poder americano**: os Estados Unidos em um mundo caótico. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. 316 p. Tradução Elsa T.S. Vieira.

WORLD BANK. Disponível em <http://data.worldbank.org/> . Acesso em 02 jun. 2015